Secretaria-Geral da Educação e Ciência

BAME 2019

2020

Título:
BAME 2019
Autor:
Secretaria-Geral da Educação e Ciência
Direção de Serviços de Documentação e de Arquivo
Edição:
1ª edição
Elaborado por:
Elvira Evaristo
Imagens:
Direção de Serviços de Documentação e de Arquivo
Autores dos artigos:
José Miguel Gonçalves, Maria João Seguro, Pedro Maximino
Elaborado em:
2020

SUMÁRIO

Nota introdutória	01
Entradas do BLOG	02

Nota Introdutória

Com este volume inicia-se uma nova fase na vida do blog, já fora da evocação dos seus primeiros 10 anos.

O ano de 2019, foi marcado pelas mudanças operadas na Secretaria-Geral da Educação e Ciência, que permitiram tornar este blog como uma das principais ferramentas de difusão da informação, bem como se materializaram formas de comunicação, até aí analógicas, como as exposições que se realizavam na biblioteca e que passaram para este ambiente virtual.

Com a apresentação do presente volume, reforçamos a intensão da diversificação dos artigos colocados e reforçamos a oferta de colaboração dos utilizadores externos à Direção de Serviços de Documentação e de Arquivo.

Assim, reiteramos o convite para que todos os seguidores deste blogue e os investigadores em áreas da educação, pedagogia e ciência a participarem com artigos, ou a fomentarem a discussão sobre a informação colocada.

O blogue existe para ser uma ferramenta de comunicação entra os agentes que gravitam na esfera da educação e ciência, na sua vertente histórica.

Esperamos por todos!

Lisboa, 14 de janeiro de 2020

2019/01/02

Exposição "Sob a chama da candeia. Francisco de Holanda e os seus livros"

A Biblioteca Nacional disponibiliza uma exposição, até ao dia 16 de fevereiro de 2019 uma exposição de obras que pertenceram a Francisco de Holanda (1518 - 1584) e que contêm as suas próprias anotações. Sendo um dos principais representantes do Renascimento Português, foi muito mais do que um iluminador.

2019/01/08

Resultados da 4ª edição do Prémio Boas Práticas em Bibliotecas Públicas Municipais promovido pela DGLAB

No âmbito do Prémio Boas Práticas em Bibliotecas Públicas Municipais a DGLAB atribuiu quatro menções honrosas a quatro projetos, a saber: "Maratona de Leitura - 24 Horas a ler" da Biblioteca Municipal Padre Manuel Antunes, Sertã, "Os temas de Ciência do Ano. Ciclo de conferências de divulgação científica" da Biblioteca Municipal de Beja - José Saramago, "Ciência P'ra que te Quero"da Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, Braga, "Vidas e Memórias de Bairro: oficinas comunitárias de memória" das Bibliotecas Municipais de Lisboa.

2019/01/16

Ciclo de Encontros – Arquivistas, Bibliotecários e Profissionais da Informação – Para que nos querem?

A BAD e a Direção de História e Cultura Militar iniciam no dia 23 de janeiro um ciclo de encontros que visa debater os principais desafios atuais dos bibliotecários, arquivistas e documentalistas. O tema da sessão será "Comunicar a Informação: boas práticas" e terá inicio às 14.30 no Palácio dos Marqueses do Lavradio. A entrada é gratuita, mas sujeita a inscrição.

2019/01/23

Peça do mês de janeiro - 2019

Dedaleira

Modelo de espécie vegetal, utilizado para permitir a visualização da sua morfologia em contexto das práticas pedagógicas nas aulas de Ciências Naturais. Trata-se de uma ampliação da flor de Dedaleira (Digitalis purpurea) Família: Scrophulariaceae. Assenta num suporte vertical preso a uma base redonda de madeira e é desmontável.

Está inventariado com o número ME/402047/138 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária Latino Coelho.

A Dedaleira é originária do continente europeu e pode ser cultivada com objetivos medicinais ou puramente ornamentais. O seu nome deve-se ao facto das suas flores terem a forma de um dedal. Trata-se de uma planta herbácea e perene, de médio porte, cuja cor varia entre o branco, o rosa e o roxo.

Este modelo anatómico representa a planta original de forma extremamente minuciosa e precisa de forma aumentada, constituindo um elemento fundamental em contexto de sala de aula no ensino da botânica.

2019/01/30

Congresso: História da Cultura em Portugal no século XX. Industrialização, massificação, mediações

O Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa organiza, nos próximos dias 7, 8 e 9 de fevereiro, o congresso "História da Cultura em Portugal no século XX. Industrialização, massificação, mediações" nas instalações da Biblioteca Nacional. O objetivo será repensar o papel da cultura ao longo do século XX, sobretudo a viragem cultural nas ciências sociais e humanas.

2019/02/06

Exposição: "Sob a chama da candeia. Francisco de Holanda e os seus livros"

A Biblioteca Nacional tem patente ao público, até ao dia 16 de fevereiro, a exposição "Sob a chama da candeia. Francisco de Holanda e os seus Livros". Evocando o quinto centenário do seu nascimento, a exposição apresenta obras que pertenceram a Francisco de Holanda (ca. 1518 - 1584), com as suas próprias anotações. Grande humanista da corte de D. João III, Francisco de Holanda foi considerado um vanguardista, sobretudo pela sua perspetiva formulada através da sua obra teórica relativamente à análise teórica da pintura.

2019/02/13

Peça do mês de fevereiro/2019

Camaleão

Animal taxidermizado, pousado num galho, fixado verticalmente a uma base de madeira. O camaleão tem a língua estendida, como se estivesse a caçar, e apresenta coloração castanha. Os camaleões distinguem-se de outros lagartos pela habilidade de algumas espécies em mudar de cor consoante as condições do meio, pela língua rápida e alongada e pelos seus olhos, que podem ser movidos independentemente um do outro. Classificação científica: Reino - Animalia; Filo - Chordata; Classe - Reptilia; Ordem - Squamata; Família - Chamaeleonidae.

Está inventariado com o número ME/400439/76 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária Sebastião e Silva.

Camaleão é um nome genérico dado às cerca de 80 espécies de répteis que pertencem à família Chamaeleonidae. O seu habitat é variado e inclui o continente africano, sul da Europa e o continente asiático. Têm cerca de 60 centímetros de comprimento e alimentam-se de insetos e folhas secas.

2019/02/20

Ação de formação "COMO PRESERVAR OS SÍTIOS WEB INSTITUCIONAIS"

A BAD promove a ação de formação "Como preservar os sítios web institucionais" que irá ocorrer no dia 8 de março, a cargo de Ricardo Basílio. As inscrições devem ser feitas on-line até ao dia 27 de fevereiro. A ação tem como objetivos identificar a terminologia e as tecnologias associadas ao processo de preservação, preservar um sítio web através do Webrecorder e organizar e publicar os conteúdos num site.

2019/02/27

Exposição: "Em demanda da biblioteca de Fernão de Magalhães"

De 7 de fevereiro a 13 de maio estará disponível na Biblioteca Nacional a exposição "Em demanda da biblioteca de Fernão de Magalhães, celebrando o quinto centenário do início da viagem de circum-navegação. A exposição é uma reflexão sobre as leituras que teriam fundamentado o projeto do navegador português.

2019/03/06

Peça do mês de março

Acumulador de Chumbo

Objeto utilizado em contexto das práticas pedagógicas nas aulas de Física. Trata-se de um acumulador de chumbo também conhecido como bateria de chumbo, que foi inventado pelo francês Gaston Planté em 1860. É uma associação de pilhas (chamadas de elementos, na linguagem da indústria de baterias) ligadas em série. A bateria de chumbo é constituída por dois elétrodos, um de chumbo esponjoso e o outro de dióxido de chumbo em pó, ambos mergulhados numa solução de ácido sulfúrico dentro de uma malha de liga de chumbo. Quando o circuito externo é fechado, conectando eletricamente os terminais, a bateria entra em funcionamento (descarga), ocorrendo uma reação de oxidação no chumbo e outra de redução no dióxido de chumbo.

Está inventariado com o número ME/400890/45 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária António Inácio da Cruz.

Os acumuladores de chumbo, são na verdade baterias utilizadas para o funcionamento de automóveis responsáveis por fornecer a energia elétrica suficiente para pôr o motor a funcionar. Gaston Planté construiu o primeiro dispositivo utilizando

placas de chumbo e de óxido de chumbo numa solução aquosa com ácido sulfúrico diluído.

Liceu Nacional da Covilhã

LICEU NACIONAL DA COVILHÃ

ESCOLA SECUNDÁRIA FREI HEITOR PINTO / AGRUPAMENTO DE ESCOLAS FREI HEITOR PINTO

O Liceu Municipal da Covilhã foi criado por publicação do Decreto-Lei nº 23.685, de 21 de março de 1934, que contém apenas dois artigos do seguinte teor: “artigo 1.º - é criado na cidade da Covilhã um Liceu Municipal, de frequência mista, que deverá funcionar a partir do ano letivo de 1934/1935 e será regido pelas disposições do Estatuto do Ensino Secundário, aprovado pelo Decreto com força de lei n.º 20.741, de 18 de dezembro de 1931, e dos decretos com força de lei nºs. 21660 e 21706 e respetivamente de 3 de junho e de 17 de setembro 1932 artigo 2.º - é revogado o Decreto n.º 20.930, de 20 de fevereiro de 1932”.

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal da Covilhã apresentou ao Governo a proposta para construção de um edifício expressamente destinado a liceu, independente da Escola Industrial Campos Mello, para poder começar a funcionar em outubro de 1934.

“A Covilhã, já grande por sua indústria, acaba de se mostrar grande em espírito; já não é lícito aos governos deste país negarem-lhe o que ela [Covilhã] mais precisa e a que tem direitos incontestáveis: o seu caminho de ferro e um Liceu de Instrução Secundária Especial.” Nóvoa (2003).

Segundo Borges (2009), estava dado o primeiro passo para a satisfação dos covilhanenses a nível escolar. Havia, porém, muitas contrariedades quanto à escolha do patrono do liceu, uma vez que o carisma intelectual e de patriotismo de Frei Heitor

Pinto se coadunava perfeitamente com o título desejado. “A Comissão Municipal, presidida pelo Dr. Almeida Garrett, atendendo ao decreto n.º 21 706, tem a faculdade de prestar homenagem a uma personalidade local que se tenha distinguido pelos seus serviços à Pátria e ao Município”. A 7 de agosto de 1934, no Decreto-Lei n.º 24312, é atribuída a designação de liceu Heitor Pinto àquela escola; sendo que no primeiro ano matricularam-se 182 alunos, de ambos os sexos, sob a lecionação de seis professores, incluindo o Reitor. O edifício do Liceu Heitor Pinto funcionou na Rua dos Combatentes da Grande Guerra até ao ano de 1968, passando depois a funcionar na Avenida Salazar (hoje 25 de Abril), em novos edifícios com diversos pavilhões construídos de raiz.

No dia 21 de março de 1970, o Liceu Nacional da Covilhã foi inaugurado por Sua Exª. O Presidente da República Almirante Américo Deus Rodrigues Thomaz:

SOLENE INAUGURAÇÃO DO LICEU NACIONAL DA COVILHÃ

COM A PRESENÇA DE SUA EXCELENCIA O SENHOR PRESIDENTE DA REPUBLICA

ALMIRANTE AMERICO DEUS RODRIGUES THOMAZ

E DE SUAS EXCELÊNCIAS

O MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS ENGENHEIRO RUI SANCHES

E

O MINISTRO DA EDUCAÇÃO NACIONAL PROFESSOR DOUTOR JOSE VEIGA SIMÃO

20 DE OUTUBRO DE 1970

MINISTÉRIO DAS OBRAS PUBLICAS

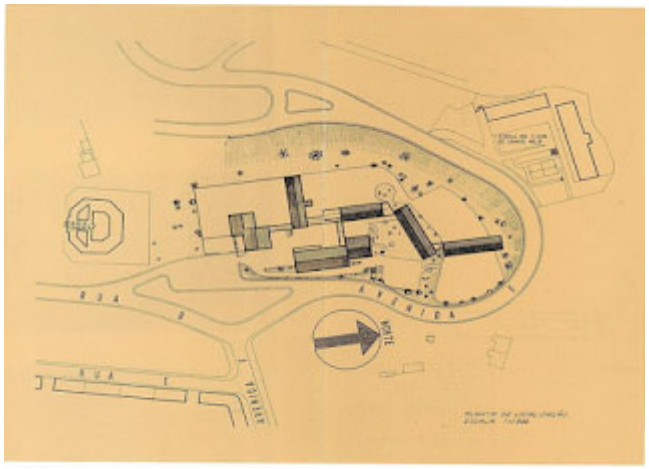
DIRECÇÃO-GERAL DAS CONSTRUÇÕES ESCOLARES

LICEU NACIONAL DA COVILHÃ

INAUGURADO EM 20 DE OUTUBRO DE 1970

O Liceu Nacional da Covilhã, para uma capacidade de 1000 alunos, é a 41.ª unidade deste tipo construída pelo Ministério das Obras Públicas no prosseguimento da política de proporcionar instalações próprias a todos os estabelecimentos de ensino.

O terreno escolhido para este empreendimento, vincadamente acidentado – aliás, característica conhecida da cidade da Covilhã – ocupa uma área de 33 000 m^2 e situa-se numa zona de futura expansão urbana.



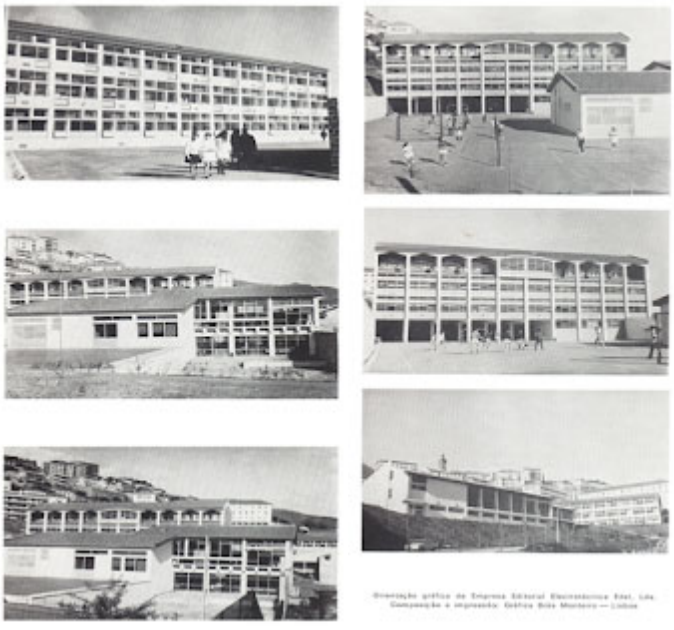
A expressão topográfica que se esboçou muito fugazmente, impôs a elaboração de um projeto especial, com desenvolvimento ao longo das curvas de nível, procurando-se, ao mesmo tempo, integrá-lo nos novos moldes de orientação pedagógica.
Assim, os espaços destinados propriamente ao ensino agruparam-se em cinco núcleos devidamente articulados, dos quais quatro têm três pavimentos e os restantes quatro, com a seguinte distribuição:

- 25 Salas de aulas normais;
- 2 Salas de desenho;
- 1 Sala de trabalhos manuais;
- 1 Sala de lavores;
- 1 Anfiteatro de física;

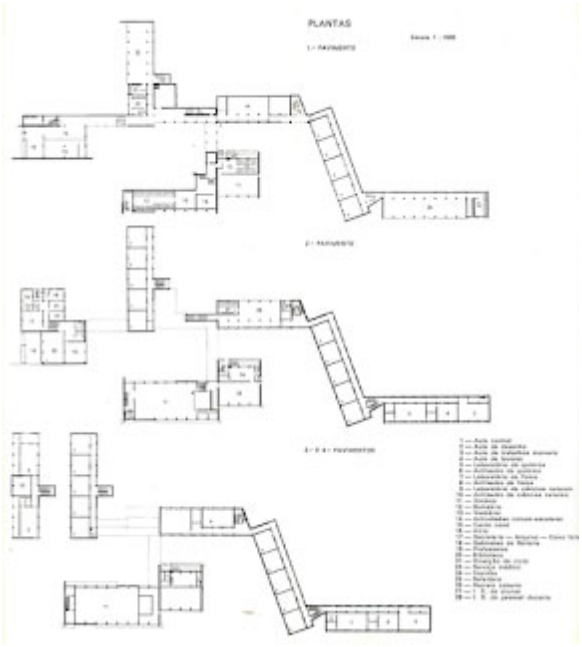
- § 1 Anfiteatro de ciências naturais;
- § 1 Laboratório de física;
- § 1 Laboratório de química;
- § 1 Laboratório de ciências naturais;
- § 1 Museu;
- § 1 Ginásio com funções polivalentes para alunos;
- § 1 Ginásio para alunas.

Além dos espaços referidos, consideram-se ainda outros para atividades afins do ensino, incluindo os problemas da vida social dos alunos, de puro convívio, em exibições teatrais, musicais, orfeónicas, cinematográficas, jogos, etc.

Existem ainda espaços com atribuições complementares da atividade escolar do liceu, tais como a cantina com cozinha, refeitório e respetivos anexos, sala de estar das alunas, etc.



A legenda que acompanha as plantas dos diferentes pisos do edifício esclarece e completa as finalidades e objetivos:



A superfície coberta do conjunto edificado é cerca de 3392 m^2 e a área total do pavimento é de 10 200 m^2.

O custo global do empreendimento foi de Esc. 19 051 208$00. O Ministério da Educação Nacional fica assim a dispor de mais uma unidade liceal projetada de acordo com os atuais conceitos pedagógicos, unidade esta que irá proporcionar, sem sombra de dúvida, um melhor e mais completo campo para o ensino.

Atualmente, a designação é Agrupamento de Escolas Frei Heitor Pinto, a forma jurídica do Agrupamento de Escolas Frei Heitor Pinto registada na conservatória do registo comercial é EE. A principal atividade que a empresa desenvolve está relacionada com Ensinos básico (3.º Ciclo) e secundário geral.

O Agrupamento de Escolas Frei Heitor Pinto foi criado em 2013, em resultado da agregação da Escola Secundária Frei Heitor Pinto e dos agrupamentos de escolas de Tortosendo e de Entre Ribeiras - Paúl. É constituído por seis jardins de infância, 10 escolas básicas e pela Escola Secundária Frei Heitor Pinto (escola-sede). Os estabelecimentos de educação e ensino estão implantados numa vasta área rural,

suburbana e urbana a oeste e sul da cidade de Covilhã, dispersos por 10 freguesias do concelho, numa área de influência que abrange mais de 50% deste território:

CONSTITUIÇÃO DO AGRUPAMENTO					
JARDINS DE INFÂNCIA E ESCOLAS	EPE	1.º CEB	2.º CEB	3.º CEB	SEC
Escola Secundária Frei Heitor Pinto, Covilhã				•	•
Escola Básica de Tortosendo, Covilhã			•	•	
Escola Básica n.º 2 de Paúl, Covilhã			•	•	
Escola Básica de Barroca Grande, Covilhã	•	•			
Escola Básica de Cortes, Covilhã	•	•			
Escola Básica de Dominguizo, Covilhã	•	•			
Escola Básica de Largo da Feira, Tortosendo, Covilhã		•			
Escola Básica de Montes Hermínios, Tortosendo, Covilhã		•			
Escola Básica de Peso, Covilhã		•			
Escola Básica de Unhais da Serra, Covilhã	•	•			
Escola Básica n.º 1 de Paúl, Covilhã	•	•			
Jardim de Infância de Coutada, Covilhã	•				
Jardim de Infância de Peso, Covilhã	•				
Jardim de Infância de São Jorge da Beira, Covilhã	•				
Jardim de Infância de Vales do Rio, Covilhã	•				
Jardim de Infância Os Loureiros, Tortosendo, Covilhã	•				
Jardim de Infância Ovo Mágico, Tortosendo, Covilhã	•				
Fonte: Inspeção-Geral da Educação e Ciência (2016)					

Bibliografia:

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS FREI HEITOR PINTO (2019). *História da escola sede* [em linha]. Consulta: 12 de abr. 2019

ARROIO, António José (1914). Relatório sobre a situação da Escola Industrial Campos Melo, Ministério da Instrução Pública. Lisboa: Imprensa Nacional.

BORGES, António Garcia (2009). *História da Freguesia de São Pedro da Covilhã. Covilhã*: Edição da Junta de Freguesia de São Pedro, 2009.

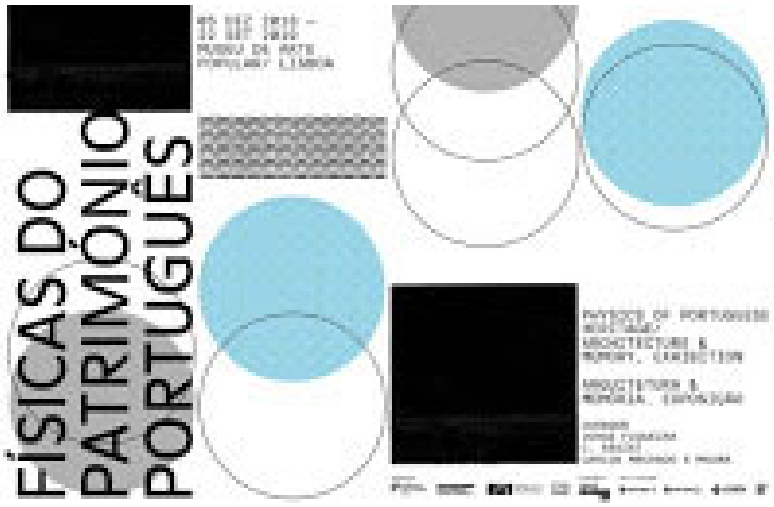
INSPECÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA (2016). *Avaliação externa das escolas: relatório, Agrupamento de Escolas Frei Heitor Pinto, Covilhã* [em linha]. Consulta: 12 de abr. 2019 <http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2016_Centro/AEE_2016_AE_Frei_Heitor_Pinto_Covilha_R.pdf>

NÓVOA, António (2003). *Liceu Heitor Pinto, Covilhã*. In: Liceus de Portugal. Lisboa: Asa.

SILVA, José Aires da (1970). História da Covilhã: 1870-1970, centenário da cidade. Lisboa: [s.n.].

2019/04/30

Exposição "Físicas do Património Português. Arquitetura e Memória"



O Museu de Arte Popular prolongou a exposição "Físicas do Património Português. Arquitetura e Memória" até ao dia 22 de setembro. Aqui se pretende dar a conhecer projetos de reabilitação patrimonial em Portugal, através de 12 projetos. São igualmente apresentadas cerca de 300 fotografias que captam a "evaporação" das Baixas de Lisboa e Porto.

2019/05/06

Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar

NOVA
ESCOLA
PARA APRENDER
A ler, decrar, e contar.
OFFERECIDA
A AUGUSTA MAGESTADE
DO SENHOR
DOM JOAÕ V.
REY DE PORTUGAL.
PRIMEIRA PARTE.
POR
MANOEL DE ANDRADE DE FIGUEIREDO,
LISBOA OCCIDENTAL.

A *Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar*, escrita em 1722 pelo padre jesuíta nascido no Brasil, Manoel Andrade de Figueiredo, é considerada a primeira cartilha a ter sido escrita em Portugal.

2019/05/07

Exposição "Bordados no Museu Virtual da Educação"

A coleção "online" do Inventário Museológico da Educação contém um conjunto substancial de objetos inventariados na área disciplinar de lavores.

O bordado é uma forma de criar (à mão ou à máquina) desenhos ou figuras ornamentais em tecido. Para tal utilizam-se diversos materiais como agulhas e fios de algodão, seda, linho, lã, etc.

Estes trabalhos, de grande importância como elementos decorativos e funcionais, permitem o desenvolvimento e a aplicação de várias técnicas utilizadas na sua produção, algumas delas com forte inspiração nas utilizadas no artesanato tradicional português.

Os trabalhos apresentados, maioritariamente realizados coletivamente por alunos e professores no âmbito das práticas pedagógicas, tinham e têm como função a apresentação e a exposição em diversos espaços da própria escola.

ME/400270/499 - Origem: ES Jácome Ratton

Trabalho manual individual executado na escola, por aluna, no âmbito da disciplina de costura e bordados, sob direção da professora Maria das Dores Ferreira. Trata-se de um pano em cambraia bordado a ponto matiz com seda natural em tons de vermelho, azul e dourado, formando uma rosácea na qual se inscreveu a Cruz de Cristo. O bordado está inacabado.

ME/400270/599 - Origem: ES Jácome Ratton

Prova final de costura e bordados sobre cambraia, realizada em 1949 por Maria Emília, utilizando fios de seda e algodão. Apresenta três motivos florais: à esquerda, ilustram-se as diferentes etapas do processo, desde o desenho em papel vegetal até à conclusão de alguns pormenores a matiz em tons de rosa e castanho; à direita, exemplificam-se diferentes tipos de crivo e ponto cheio, em linha de seda pérola; em baixo, ao centro, repete-se o motivo floral da direita em azul bordado com diferentes pontos. Numa das pétalas pode ler-se "escola", noutra é legível "adeus". Os dados de identificação estão dactilografados num pequeno cartão cosido ao pano; o trabalho foi posteriormente cosido a uma cartolina verde.

ME/400361/107 - Origem: ES de Monserrate

Colete feminino, de traje tradicional de lavradeira, com bordado característico de Viana do Castelo, com fios de lã policromos, lantejoulas e cordãozinho de fio metálico. Colete, bastante justo, que prende na frente com laço. Este pende da fita de debrum esverdeada que contorna a gola e os ombros / mangas. O colete é executado em tecido liso de cor azulão e barra inferior de veludo liso, preto. Na frente é liso e nas costas profusamente bordado. A decoração de cariz floral, lembra os bordados dos trajes de Viana do Castelo, executada a fios de lã de tons esbatidos verde, azul, amarelo e rosa. Aplicação de lantejoulas e cordãozinho a contornar alguns motivos. Pontos lançado, de formiga e de espinha. Trabalho provavelmente coletivo realizado no âmbito da disciplina de Oficinas do Curso de Formação Feminina.

ME/400361/108 - Origem: ES de Monserrate

Painel com profusa decoração evocando o característico bordado de Viana do Castelo, com fios de lã policromos, lantejoulas e cordãozinho de fio metálico sobre fundo azul. Ao centro, representação de par a dançar na mais importante romaria desta cidade, a Festa de Nossa Senhora da Agonia, vestido com os trajes tradicionais de Viana do Castelo. Por trás desta representação está a Igreja, que lembra a festa e, por baixo, a inscrição N.ª S.ª da Agonia. A envolver a cena central, o painel é profusamente decorado a vivas cores - vermelho, azul, amarelo, laranja, rosa - com diversos motivos florais, aplicação de lantejoulas e cordãozinho de fio metálico a contornar alguns motivos e a definir enrolamentos. Toda a peça é rematada por franja de lã vermelha. O bordado com pontos lançado, de formiga e de espinha. Trabalho coletivo realizado no âmbito da disciplina de Oficinas do Curso de Formação Feminina.

ME/400361/99 - Origem: ES de Monserrate

Caixa em forma de coração lembrando o característico coração bordado de Viana do Castelo. Caixa de cartão forrada com tecido grosso, alinhado, com bordado de lã em dois tons de azul e amarelo acastanhado. A parte superior da tampa é decorada ao centro, com motivo de flor de grandes dimensões, estilizada, com pé longo. A contornar toda a tampa, friso com decoração geométrica - triângulos, intercalados por motivo de pequenos raminhos de três folhas. O bordado é executado em ponto de pé de flor / cordãozinho e ponto de formiga. Trabalho realizado no âmbito da disciplina de Oficinas do Curso de Formação Feminina.

ME/400531/168 - ES de Silves

Bordado de forma circular, que representa um padrão de formas entrelaçadas que lembram motivos florais. Trabalho de alunas do antigo curso de Lavores Femininos. Encontra-se emoldurado.

2019/05/15

Dia Internacional dos Museus - 18 de maio de 2019

Dia Internacional dos Museus – 18 de maio de 2019

Museus como Plataformas Culturais – Museus e Cidadania

Por proposta do ICOM – Conselho Internacional de Museus (organismo da UNESCO), o **Dia Internacional dos Museus** é celebrado anualmente no dia **18 de maio**.

Neste dia é possível visitar inúmeras exposições e museus gratuitamente, assim como participar em iniciativas, as mais diversas, que animam e dinamizam muitos dos espaços.

O horário de funcionamento dos museus é alargado e estarão abertos até horas tardias com o objetivo de atrair mais visitantes, divulgarem a sua vasta oferta, as suas coleções e contribuírem para promover uma reflexão mais alargada do seu papel junto da sociedade.

Deste modo, é facultada aos visitantes a oportunidade de visitarem e de percorrerem os corredores e salas de museus, galerias e palácios, em moldes únicos, assistindo e participando ativamente em múltiplas atividades.

Este ano, de 2019, o Dia Internacional/Noite dos Museus terá como mote: **"Os Museus como Plataformas Culturais – Museus e Cidadania"**.

Na sequência de anos anteriores, o programa nacional do Dia Internacional do Museus /Noite dos Museus, será antecipadamente divulgado no site da DGPC, em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/

Secretaria-Geral da Educação e Ciência

PATRIMÓNIO
MUSEOLÓGICO
DA EDUCAÇÃO
INVENTÁRIO ONLINE

A propósito, em: http://edumuseu.sec-geral.mec.pt/, não deixe de visitar o **"*Museu Virtual da Educação – Museu Museológico da Educação*"**, através do qual poderá visualizar e pesquisar um vasto conjunto de peças e de informação – que outrora fizeram parte do nosso universo escolar – e que se encontra em constante atualização.

2019/05/20

Frei Heitor Pinto

O Liceu da Covilhã, criado pelo Decreto-Lei n.º 23 685, de 21 de março de 1934, atual Escola sede de agrupamento, tem como patrono Frei Heitor Pinto - quem foi o frade covilhanense, patrono desta escola?

O Agrupamento de Escolas Frei Heitor Pinto (A.E.F.H.P.) é sedeado na cidade da Covilhã e cobre todo o território a sul do Concelho da Covilhã, inserido em meio urbano, semiurbano e rural, com difíceis acessibilidades principalmente no meio rural montanhoso, num espaço com modesto valor patrimonial, dotado de grande beleza paisagística e com perspetiva de desenvolvimento.

O Agrupamento A.E.F.H.P. enquadra-se geograficamente na Comunidade Intermunicipal das Beiras e Serra da Estrela. A comunidade envolvente reside um pouco por todo o Concelho, com incidência significativa ao longo da designada “Corda do Rio” (Rio Zêzere), na encosta da Serra da Estrela e no designado Couto Mineiro, desenvolvendo a sua atividade principalmente no Couto Mineiro, na Região da Cova da Beira e, também, em toda a Beira Interior e ao nível nacional e internacional.

Frei Heitor Pinto terá nascido na Covilhã, em 1528, e falecido em 1584. Fez os seus estudos eclesiásticos no Convento da Costa em Coimbra, onde foi colega de D. António Prior do Crato, filho do Infante D. Luís, que teve o senhorio da Covilhã. Por carta de El-Rei, foi-lhe dado o grau de Mestre em 1554, tendo depois passado à Universidade de Siguença, onde tomou a borla doutoral em teologia. Em 1559, assistiu à coroação do Papa Pio IV, em Roma, onde se encontrava em negócios da sua Ordem. Foi Reitor do Colégio da Ordem em 1565, e mais tarde, em 1571, seria eleito Providencial em Portugal.

Jovem ainda, inclinou-se para as ciências filosóficas. A *Imagem da Vida Cristã* é um famoso livro, merecedor do grande êxito que o acolheu. Tem horror à observação sensorial e crê na grandeza de Deus, nas palavras dele. "Ninguém é bom senão Deus. Assim como o centro é um indivisível, e está no meio e dele saem as linhas para a circunferência, assim Deus é uma unidade simplicíssima, um ato puríssimo, que está em todas as coisas, do qual procedem os raios de formosura das criaturas. Ele está dentro em nós, e é fonte de todo o ser sendo mesmo nosso ser." Desde cedo revelou extraordinários dotes intelectuais, pelo que os frades da sua congregação o enviaram para Coimbra, onde estudou Grego, Hebraico, Filosofia e Teologia. Foi, depois, encarregado de elaborar comentários às profecias de Isaías, obra que foi aprovada com louvor pelos Jesuítas e pelo procurador-geral dos Dominicanos.

Quanto à sua obra literária, importa considerar que, para além da *Imagem da Vida Cristã*, o autor publicou também uma série de comentários sobre o texto bíblico, editados em diversas cidades da Europa. Contudo, a *Imagem da Vida*

Cristã Ordenada por Diálogos é, sem dúvida, a sua obra fundamental, tendo sido editada mais de 20 vezes durante o século XVI.

Obra cheia de espontaneidade é caracterizada simultaneamente por uma grande suavidade e vigor e, pese embora o seu estilo erudito e a profusão de imagens, apresenta-se leve e atrativa. O prolongado contacto com a cultura espanhola, as repetidas viagens a França e a Itália e o permanente amor pelos livros vão permitir-lhe uma abertura de horizontes e uma parceria ideológica com as correntes escolásticas esclarecidas.

Formalmente, a obra não recorre a argumentos por silogismos nem por acumulações de razões ou raciocínios e a sua postura literária era corrente no Renascimento, tal como o provam *Os Colóquios*, de Erasmo, *Os Contos*, de Bocaccio, *Os Diálogos*, de Francisco Holanda e alguma obra de João de Barros, entre outras.

Foi exilado por ordem de D. Filipe I de Portugal (II de Espanha) num mosteiro da sua Ordem, em Toledo, por defender as pretensões de D. António, Prior do Crato, à Coroa Portuguesa. Consta-se que terá dito" Pode El-Rei Filipe meter-me em Castela, mas meter Castela em mim é impossível".

BIBLIOGRAFIA:

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS FREI HEITOR PINTO (2019). *História da escola sede* [em linha]. Covilhã: A.E.F.H.P. [Consult. 12 de abr. 2019]. Disponível: http://www.aefhp.pt/

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS FREI HEITOR PINTO (2015). *Projeto Educativo 2015/2018* [em linha]. Covilhã: A.E.F.H.P. [Consult. 13 de maio de 2019]. Disponível: http://www.aefhp.pt/files/documentos-orientadores/15-16/PEA15-18-APROVADOem04-02-16.pdf

BORGES, António Garcia (2009). *História da Freguesia de São Pedro da Covilhã.* Covilhã: Edição da Junta de Freguesia de São Pedro.

GOULÃO, Francisco (2003). *Liceu Heitor Pinto, Covilhã*. in: Liceus de Portugal. Lisboa: Asa.

INFOPÉDIA (2019). *Frei Heitor Pinto* [em linha]. Porto: Porto Editora. [Consult. 29 de abr. 2019]. Disponível: https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$frei-heitor-pinto

INSPECÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA (2016). *Avaliação externa das escolas: relatório, Agrupamento de Escolas Frei Heitor Pinto, Covilhã* [em linha]. Covilhã: IGEC. [Consult. 12 de abr. 2019]. Disponível: http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2016_Centro/AEE_2016_AE_Frei_Heitor_Pinto_Covilha_R.pdf

SILVA, José Aires da (1970). *História da Covilhã: 1870-1970, centenário da cidade*. Lisboa: [s.n.].

2019/05/22

Peça do mês de maio - 2019

Cadeia de Agrimensor

Dispositivo largamente utilizado para medição de grandes áreas irregulares de terreno no Século XIX. Trata-se de uma cadeia metálica constituída por uma série de 95 elos de ferro, de 20 cm de comprimento cada, unidos entre si por argolas também de ferro. Tem 19 metros de comprimento.

Está inventariado com o número ME/401018/3594 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária de Bocage.

A agrimensura é uma ciência que permite adquirir e gerir dados espaciais relacionados com a medição de propriedades. A cadeia de agrimensor, ou instrumentos semelhantes, foram utilizados desde cedo para medir terras. No Antigo Egipto utilizava-se uma corda para restabelecer fronteiras após as cheias do Nilo. Também em Roma se utilizaram técnicas e equipamento topográfico inovadores para a medição e elaboração de um cadastro oficial de terras.

2019/05/27

89º Edição da Feira do Livro de Lisboa

FEIRA DO LIVRO

LISBOA

- 89.ª edição –

Entre os dias 29 de maio e 16 de junho de 2019, irá decorrer, em Lisboa, no Parque Eduardo VII, mais uma edição da Feira do Livro de Lisboa (89.ª edição).

À parte a vertente comercial, a feira tornou-se um evento obrigatório para todos os amantes do livro e da leitura, e demais visitantes, de todas as idades e estratos sociais. A sua história já é longa sendo que, na cidade de Lisboa, já se realiza desde maio de 1930. Desde então, já se realizou em diversos locais – Av. da Liberdade, a Praça D. Pedro IV (Rossio), a Rua Augusta, ou o Terreiro do Paço – tendo-se fixado, nos tempos mais recentes, no Parque Eduardo VII.
Para além da habitual presença de inúmeras editoras, no decurso da feira haverá múltiplas atividades a decorrer em paralelo, tais como: debates com as mais diversas personalidades da sociedade portuguesa (escritores, ilustradores, ensaístas, jornalistas, etc.); música ao vivo; diferentes ofertas de comidas e bebidas (locais e regionais); ateliers e diversões para os mais pequenos;

inúmeras sessões de autógrafos (com autores portugueses e estrangeiros); lançamento de novos livros, etc.

Tudo isto contribui para que a Feira do Livro se tenha tornado um evento incontornável, e dos mais concorridos, que, naturalmente, merece uma, ou mais, visitas!

2019/05/29

Escola Industrial e Comercial de Santarém

Escola Industrial e Comercial de Santarém

*

Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado

Criada pelo Decreto n.º 40 725, de 8 de agosto de 1956, com a denominação de Escola Industrial e Comercial de Santarém, a escola nasce no quadro do desenvolvimento da rede do ensino técnico e profissional em Portugal (no final dos anos 50, do século XX), promovida pelo Ministro da Educação Nacional, Prof. Leite Pinto, procurando dar resposta às necessidades de formação profissional do país.

Já em 1935 a Associação Comercial de Santarém tinha procurado, junto do Ministro da Instrução Pública, embora sem sucesso, alcançar a criação de uma escola profissional na cidade. Devido ao desenvolvimento demográfico verificado nos últimos anos em Santarém, tornou-se urgente a construção de um novo edifício escolar que substituísse as precárias instalações da Escola Industrial e Comercial.

Edifício da Praça Visconde Serra do Pilar, Santarém, onde foi instalada a Escola Industrial e Comercial, funcionou até 1969.

Tendo como patrono António Ginestal Machado[1], a Escola Industrial e Comercial de Santarém inicia a sua atividade no edifício dos antigos Paços do Concelho, na praça Visconde Serra do Pilar. O seu primeiro Diretor foi o Dr. Benjamim José Gonçalves, sendo então o corpo docente constituído por 8 professores, lecionando os cursos de formação de serralheiro, formação feminina e geral de comércio.

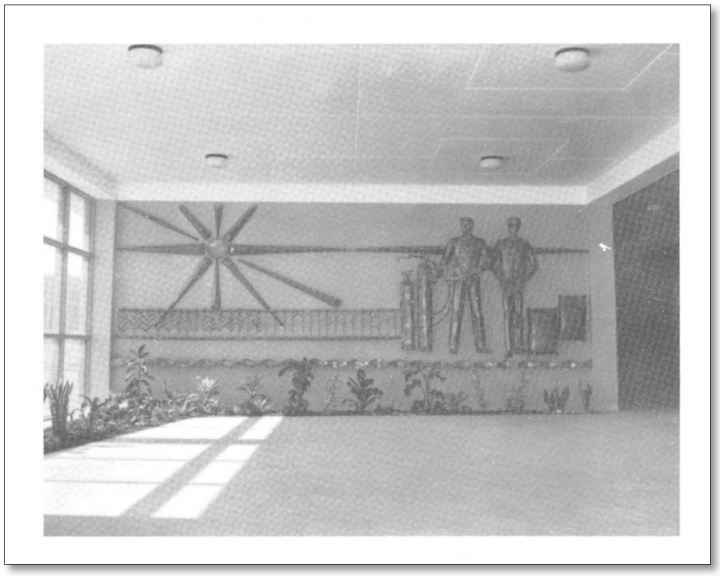
> "Fundada em 1956, a Escola Industrial e Comercial de Santarém funcionou até 1979, ano em que, com o aparecimento do Ensino Unificado, foi posto fim às escolas do Ensino Técnico. Ao fim de 23 anos, terminava assim uma modalidade de ensino que, em Santarém e em todo o país, havia provocado mudanças significativas no panorama da educação escolar de jovens que, com uma formação teórico-prática de apreciável qualidade e atualidade, estavam preparados para o mercado de trabalho" (Notícias do Ribatejo, 2016).

[1] António **Ginestal Machado** (Almeida, 3 de maio de 1874 — Santarém, 28 de junho de 1940) foi advogado, professor liceal e político português – ver o próximo post : GINESTAL MACHADO (1874-1940).

Para isso, feita uma prospeção de terrenos, escolheu-se o Planalto do Fau para a implementação da nova escola, quer pela localização cêntrica, quer pelo arejamento de toda a zona.

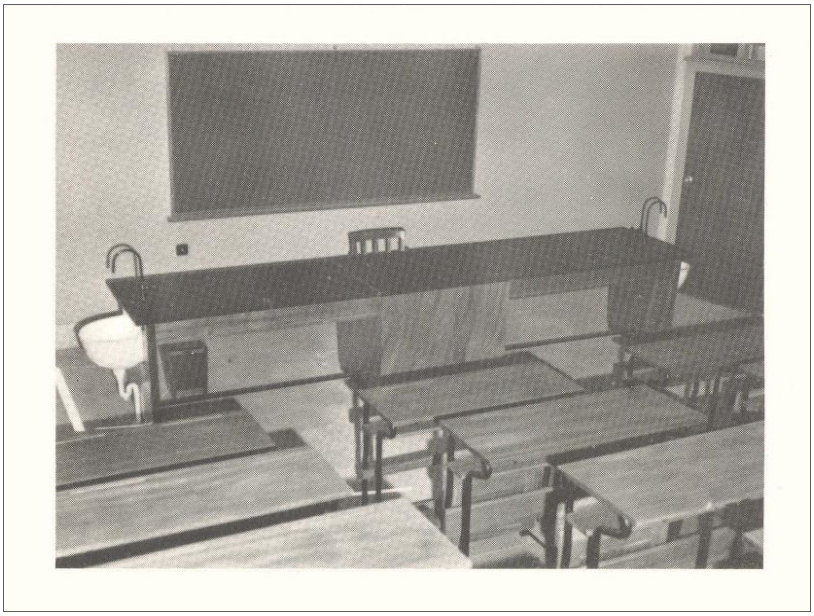
Dedicou-se a Câmara Municipal de Santarém a urbanizar, com larga visão, todo o local, envolvendo a escola com espaços verdes. Em 1967, a Junta das Construções para o ensino Técnico e Secundário, iniciou a adaptação do 1.º Estudo Normalizado aos condicionamentos específicos do local e do programa apresentado.

Decidida a adjudicação, deu-se início aos trabalhos de construção dos corpos de maior envergadura, tais como o núcleo de Aulas, o Ginásio e as Oficinas. Decorridos dois anos de esforço conjunto da sociedade empreiteira e dos Serviços da Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário, a Escola passou a receber 1200 rapazes e raparigas, valorização só possível pela existência deste núcleo imobiliário.



Analisando a escola, em si mesmo, nota-se que esta procura envolver os jovens num misto conforto intelectual e físico. Para isso, além de campos de jogos, de amplos espaços destinados à convivência entre alunos, tais como – refeitórios, espaços para atividades circum-escolares, recreios cobertos, salas de estar para mais intimidade de convivência – encontram-se espalhadas funcionalmente pelos Corpos de Salas de Aula, Ginásio e Oficinas, as diversas zonas destinadas aos vários tipos de ensino e de cursos, tais como:

- Formação de serralheiros;
- Formação feminina;
- Formação geral de comércio;
- Formação de montador eletricista;
- Formação de carpinteiro-mercenário;
- Aperfeiçoamento de serralheiro;
- Aperfeiçoamento de comércio.

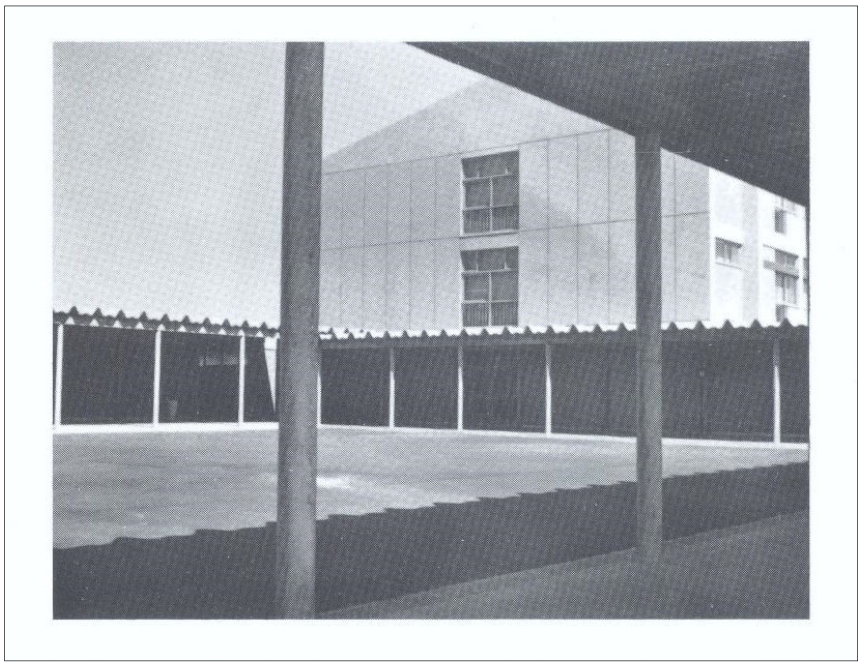


As dependências destinadas a cada um dos tipos de formação determinam um conjunto de espaços amplos que subdividem o todo escolar nos diversos departamentos e cursos. A escola possui as seguintes dependências:

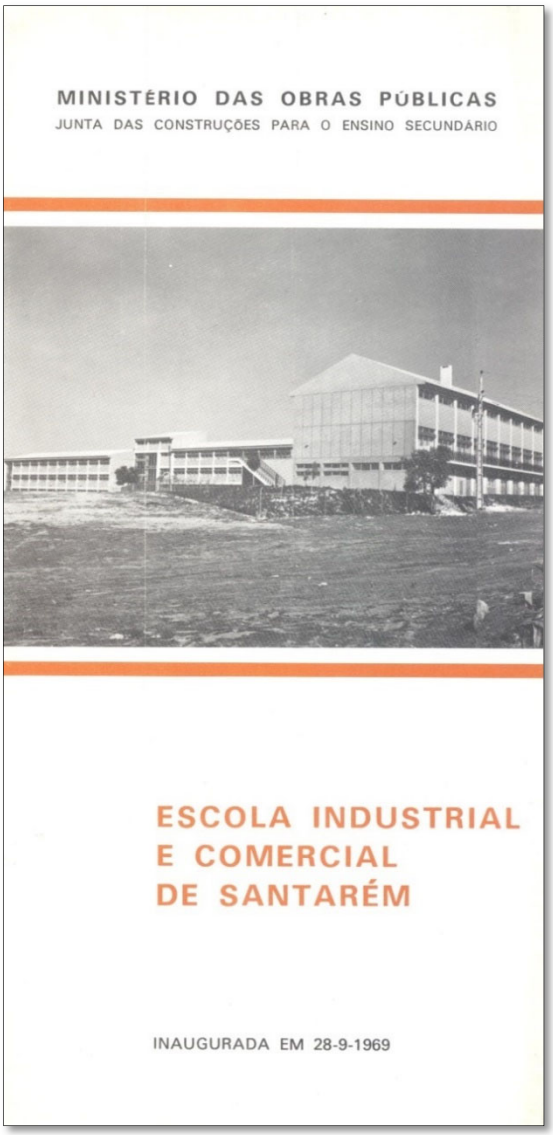
- 16 Salas de aulas normal;
- 3 Salas de ciências geográfico-naturais;
- 7 Salas de desenho;
- 1 Anfiteatro de tecnologia;
- 2 Anfiteatros para aulas de física e de química;
- 1 Anfiteatro de geografia;
- 1 Sala de contabilidade;
- 1 Escritório comercial;
- 1 Sala de dactilografia,
- 1 Sala de caligrafia;
- 1 Laboratório de física;
- 1 Laboratório de química;
- 1 Sala-oficina para formação feminina;
- 2 Salas para trabalhos manuais;
- 1 Sala para canto coral;
- 1 Oficina de eletricidade;
- 2 Oficinas de serralharia;
- 1 Oficina de carpintaria-marcenaria;

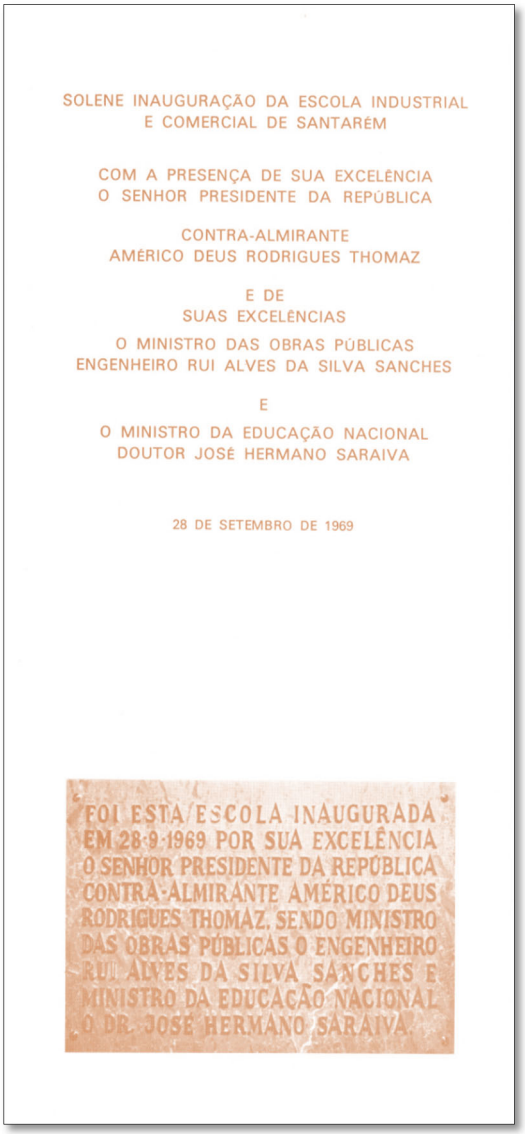
- 2 Ginásios e seus anexos (vestiários e balneários).

A Escola Industrial e Comercial foi o 70.º edifício destinado ao ensino técnico profissional construído pelo Ministério das Obras Públicas e o 111.º edifício escolar entregue ao Ministério da Educação Nacional.



A Escola Industrial e Comercial foi inaugurada em 28 de setembro de 1969, com a presença do Presidente da República Contra-Almirante Américo Deus Rodrigues Thomaz e o Ministro das Obras Públicas Engenheiro Rui Alves da Silva Sanches e o Ministro da Educação Nacional Doutor José Hermano Saraiva.





As obras de construção civil foram iniciadas em 23 de maio de 1967, tendo ficado concluídas em 23 de junho de 1969. O custo total da obra foi de 21800 contos, cabendo aos edifícios 17.00 contos e 4.800 contos ao seu equipamento.
A área do terreno é de 16.000 m^2, sendo a superfície coberta de 5080 m^2 e de pavimento 12.450 m^2. A empreitada de construção dos edifícios foi entregue à EDIFER-Construção Pires Coelho e Fernandes, S.A.R.L.

Em 1979, com a Portaria n.º 608/79, a escola altera a sua designação para Escola Secundária de Marvila. Mais tarde, a Portaria n.º 261/87 de 2 de abril de 1987, altera novamente o nome para o que ainda hoje ostenta, Escola Secundária Dr. Ginestal Machado.

Em 1998, as escolas secundárias Dr. Ginestal Machado e Sá da Bandeira e as Escolas Preparatórias Mem Ramires, EB23 Alexandre Herculano, EB23 D. João II, assinaram um protocolo de cooperação.

Atualmente, através da constituição de uma nova unidade orgânica de gestão a 2 de agosto de 2010, através da fusão da Escola Secundária Dr. Ginestal Machado com o anterior Agrupamento de escola Mem Ramires, a unidade orgânica de gestão é constituída por seis estabelecimentos de ensino nomeadamente:

- Escola Secundária Dr. Ginestal Machado (escola sede do agrupamento);
- Escola Básica 2.º e 3.º Ciclos Mem Ramires;
- Escola do 1.º ciclo do Ensino Básico dos Leões;
- Escola 1.º Ciclo do Ensino Básico com Jardim de Infância do Pereiro;
- Jardim de Infância da Feira;
- Jardim de Infância do Sacapeito.

Atualmente, a escola industrial passou a integrar o Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado e situa-se na cidade de Santarém. Criado em 2010, resulta da agregação do Agrupamento de Escolas de Mem Ramires com a Escola Secundária que dá o nome à nova unidade orgânica. É constituído pelos jardins de infância da Feira (em instalações provisórias desde 1997) e Sacapeito; Escola Básica do Pereiro (1.º ciclo e educação pré-escolar); Escola Básica dos Leões (1.º ciclo); Escola Básica Mem Ramires (2.º e 3.º ciclos) e Escola Secundária Dr. Ginestal Machado (sede) que oferece o 3.º ciclo e o ensino secundário.

O agrupamento conta também com uma unidade de ensino estruturado (UEE) e duas unidades de apoio especializado à educação de alunos com multideficiência (UAM). Refira-se que a Escola Secundária não foi alvo de avaliação no 1.º ciclo de avaliação externa e que o Agrupamento de Escolas de Mem Ramires foi avaliado, na fase piloto, no ano letivo de 2005-2006.

Segundo a Inspeção-Geral da Educação e Ciência (2014) o agrupamento conta com 187 docentes, dos quais 88,8% pertencem aos quadros e apenas 12,8% lecionam há menos de dez anos. A estes, acresce 76 trabalhadores não docentes, dos quais 59,2% têm dez ou mais anos de serviço.

BIBLIOGRAFIA:

CARVALHO, Rómulo de (1996). *História do Ensino em Portugal. Desde a Fundação da Nacionalidade até ao fim do Regime de Salazar-Caetano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2.ª edição.

DIAS, Luís Pereira (1998). *As outras Escolas. O Ensino Particular das Primeiras Letras entre 1859 e 1881*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

ESCOLA SECUNDÁRIA JERÓNIMO EMILIANO DE EMILIANO (2018). Um pouco de história… [em linha]. Angra do Heroísmo: Governo dos Açores. [Consult. 16 de abr. 2019].
Disponível: http://esjea.edu.azores.gov.pt/um-pouco-de-historia

INSPECÇÃO-
GERAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA (2014). *Avaliação externa das escolas, Relatório, Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado* [em linha]. [Consult. 16 de abr. 2019].
Disponível: https://www.igec.mec.pt/upload/AEE_2014_Sul/AEE_2014_AE-DrGinestalMachado_R.pdf

NOTÍCIAS DO RIBATEJO (2016). Encontro anual dos antigos alunos, em 27 fev. 2016, comemoração dos 60 anos da fundação da escola [Escola Industrial e Comercial de Santarém, 1956-2016]. [em linha]. Santarém: Notícias do Ribatejo. [Consult. 16 de abr. de 2019].
Disponível: https://noticiasdoribatejo.blogs.sapo.pt/encontro-anual-dos-antigos-alunos- em-27-3784513

NÓVOA, António, 2003 (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. Porto: Asa.

SILVA, Carlos Manique da (2002). *Escolas belas ou espaços sãos? Uma análise histórica sobre a arquitectura escolar portuguesa (1860-1920)*. Lisboa: IIE.

TENGARRINHA, José Manuel (dir.) (2002). *História do Governo Civil de Lisboa*. Lisboa: Governo Civil.

2019/06/05

Ginestal Machado, Patrono da Escola Industrial e Comercial de Santarém

GINESTAL MACHADO (1874 - 1940)

A Escola Industrial e Comercial de Santarém foi criada pelo Decreto n.º 40725, de 8 de agosto de 1956. Passadas três décadas, em 1987, adotou como patrono António Ginestal Machado (cf. Portaria n.º 261/87, de 2 de abril de 1987).

Ginestal Machado nasceu na vila de Almeida, a 3 de maio de 1874, e faleceu na cidade de Santarém, a 28 de junho de 1940. Estudou no Liceu da Guarda, frequentando posteriormente, em Lisboa, a Escola Naval, onde se diplomou (1895), concluindo depois o Curso Superior de Letras (1897).

Inicia a aprendizagem das primeiras letras na terra natal e desde cedo demonstra o desejo de vir a ser professor. O prosseguimento dos estudos obriga-o a mudar-se para Braga, onde frequentou o Liceu. A morte do pai, aos 13 anos, marca-o profundamente e, confrontado com as dificuldades da vida, é obrigado a abandonar a Escola. O sentido da responsabilidade e de autonomia levam-no,

em 1891, a assentar praça no Regimento de Infantaria, na Cidade da Guarda, conjugando em simultâneo a vida castrense e a conclusão dos Estudos Secundários.

Formou-se na Faculdade de Direito de Coimbra e exerceu o Magistério Liceal. Fez parte do Partido Unionista, do qual veio a ser um dos principais dirigentes, sendo partidário de uma linha republicana moderada. Promoveu a fusão do seu partido com o Evolucionista, do qual resultou o Partido Liberal, depois transformado no Partido Nacionalista.

"Ginestal Machado, dirigente de diversas coletividades ao longo das décadas em estudo, definiu um projeto cultural que ainda hoje apresenta marcas nalgumas coletividades da cidade. Será que podemos enquadrá-lo na 'cultura popular'? Sendo que esta foi uma das grandes questões colocadas ao longo deste estudo, consideramos que o ideário de Ginestal não correspondia estritamente aos universos da 'cultura popular', uma vez que aqueles que beneficiaram das oportunidades culturais trabalhavam essencialmente nos serviços, na administração pública e no comércio" (Moreira, 2013, p. 409).

Desempenhou lugar de relevo na política portuguesa do início do século. Amigo pessoal de Brito Camacho, fez parte do partido unionista. Deve-se-lhe a formação do Partido Liberal, que resultou da fusão do Partido Unionista e Evolucionista. Foi membro da Câmara dos Deputados, Ministro da Instrução Pública (1921) e Chefe de um efémero governo que durou apenas 33 dias (de 15 de novembro a 18 de dezembro de 1923).

Antes da implantação da República, iniciou uma colaboração regular na imprensa, tanto local como nacional, e participou ativamente na Liga Nacional de Instrução (criada em 1907 por Trindade Coelho e Borges Grainha) e na Junta Liberal (fundada em 1909 por Miguel Bombarda), tendo presidido às respetivas delegações na cidade de Santarém.

Ginestal Machado desenvolveu a sua carreira profissional em Santarém: em 1904 foi professor efetivo do Liceu Nacional de Santarém, em 1909 foi eleito

presidente da Junta Distrital da mesma cidade, em 1910 liderou o movimento republicano no distrito de Santarém durante a implantação da República Portuguesa, em 1917 foi eleito vogal da Junta Geral de distrito e em 1919 foi provedor da Santa Casa da Misericórdia de Santarém.

"[…] ministro português da Instrução Pública, Ginestal Machado (1874-1940), o carácter social da ciência nas suas duas vertentes: 'porque é o producto mais alto da sociedade humana' e porque é 'predominante no desenvolvimento da civilização'" (Bernardo, 2013, p. 47).

O seu nome faz parte da Toponímia de: Almeida; Lisboa (Freguesia de São Domingos de Benfica, Edital de 14-05-1979, ex-Rua G à Estrada da Luz), Santarém.

Doado pelos herdeiros à Biblioteca Nacional de Portugal, em julho de 2008, o espólio (24 caixas, mais alguns documentos de grande formato) testemunha a sua atividade profissional e política, com especial relevo na década de 1920, incluindo manuscritos e datiloscritos, correspondência do autor e de terceiros, documentos biográficos, arquivo de imprensa, impressos e fotografias.

A própria Biblioteca Histórica da Educação, do Ministério da Educação e Ciência, dispõe no seu espólio 79 títulos de manuais escolares, compêndios, tratados e seletas. Este material didático está disponível no Sistema Integrado de Bibliotecas do Ministério da Educação e Ciência (SIBME), sob a cota AGM.

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, Pedro Tavares (2010). *Espólio de António Ginestal Machado 1874-1940: inventário.* Lisboa : Biblioteca Nacional de Portugal (ISBN: 9789725654569).

BERNARDO, Luis Miguel (2013). *Cultura científica em Portugal: uma perspectiva histórica*. Porto: Universidade do Porto (ISBN 978-989-7460-20-3).

CARVALHO, Rómulo de (1996). *História do Ensino em Portugal: desde a Fundação da Nacionalidade até ao fim do Regime de Salazar-Caetano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2.ª edição.

INSPECÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA (2014). *Avaliação externa das escolas, Relatório, Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado* [em linha]. [Consult. 16 de abr. 2019]. Disponível: https://www.igec.mec.pt/upload/AEE_2014_Sul/AEE_2014_AE-DrGinestalMachado_R.pdf

MOREIRA, Maria Teresa do R. L. da Cruz (2013). *"Todos têm direito à cultura" a dinâmica cultural da cidade de santarém (1930-1959)* [em linha]. Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em História [Consult. 21 de abr. de 2013]. Disponível: https://run.unl.pt/bitstream/10362/13831/1/teresamoreira.pdfZ

NOTÍCIAS DO RIBATEJO (2016). *Encontro anual dos antigos alunos, em 27 fev. 2016, comemoração dos 60 anos da fundação da escola [Escola Industrial e Comercial de Santarém, 1956-2016*]. [em linha]. Santarém: Notícias do Ribatejo. [Consult. 16 de abr. de 2019]. Disponível: https://noticiasdoribatejo.blogs.sapo.pt/encontro-anual-dos-antigos-alunos-em-27-3784513

VIDAL, Angela Vieira (2013). *Desenvolvimento da criatividade nos alunos de artes visuais* [em linha]. Lisboa: Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Design do IADE. [Consult. 6 de maio de 2019]. Disponível: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/10306/1/Angela%20Vidal_Desenvolvimento%20da%20criatividade_IADE_2013.pdf

2019/06/12

Exposição: "O Pêndulo no Museu Virtual de Educação"

O pêndulo é um dispositivo utilizado em estudos de mecânica, para o estudo da força peso e do movimento oscilatório. Consiste, na sua forma mais simples, numa massa presa a um fio que oscila em torno de um ponto fixo. O movimento pendular foi amplamente estudado por Galileu.

Existem vários tipos de pêndulos no Museu Virtual da Educação, com diferentes formatos e funções.

ME/152481/108
Pêndulo de âncora

Instrumento científico utilizado nas aulas de física para demonstrar o funcionamento de um relógio de pêndulo. É formado por um pêndulo simples metálico, que se liga pelo seu eixo a uma peça em forma de âncora, cujas extremidades recurvadas se adaptam, alternadamente, aos dentes de uma roda. Esta roda encaixa centralmente num cilindro metálico, ao qual se enrola um fio, que ao ser puxado por ação de um peso ou outra força, lhe imprime um

movimento de rotação que é transmitido a todo o mecanismo do instrumento. A oscilação constante do pêndulo devesse ao facto de estar conectado à âncora que serve de regulador, ao prender alternadamente os dentes da roda, de forma cadenciada.

ME/402436/1426

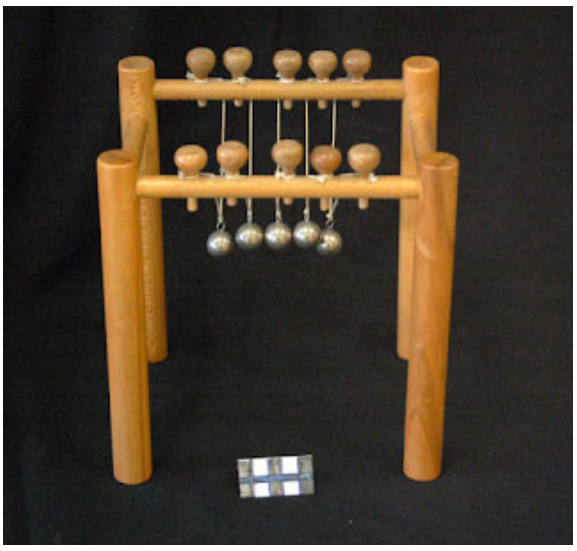
Pêndulo em cruz

Instrumento utilizado nas aulas de Física, formado por quatro hastes metálicas que se encontram unidas ao centro formando uma cruz. As hastes estão presas a uma estrutura formada por dois pinos de metal que assentam num tripé.

ME/400129/113

Pêndulo de Foucault

Constituído por um fio preso a uma elevação metálica, tendo suspenso um corpo com determinada massa. Submetendo esse corpo à ação de um momento torsor com a direção do eixo e abandonando-o em seguida, o corpo fica sujeito a forças que o fio exerce sobre ele ficando a oscilar, em primeira aproximação, com um movimento oscilatório harmónico, para um e para outro lado da posição de equilíbrio.



ME/346330/21

Pêndulo de Newton

Instrumento científico utilizado em contexto das práticas pedagógicas nas aulas de Física. O Pêndulo de Newton é um dispositivo utilizado no estudo dos movimentos dos corpos, como a quantidade de movimento e conservação de energia. É construído a partir de uma série de pêndulos (normalmente 5) adjacentes uns dos outros. Cada pêndulo está anexado a uma armação por duas cordas de igual comprimento e ângulos opostos formados entre estas, restringindo os movimentos do pêndulo ao mesmo plano. Se essas cordas não fossem iguais em comprimento, as bolas ficariam desequilibradas. O comportamento do pêndulo decorre da conservação do momento e da energia apenas no caso de dois pêndulos. Na verdade, se houver *n* pêndulos existem também *n* velocidades desconhecidas para serem calculadas a partir das condições iniciais. Uma outra condição para o resultado observado é que uma onda de impacto deve se propagar livre de dispersão por entre a cadeia de bolas.

ME/401766/15
Pêndulo gravítico

Pêndulo gravítico constituído por um suporte retangular, no qual está montada uma haste em ângulo reto. Esta serve de suporte a três esferas de alumínio, latão e plástico.

ME/346779/329

Conjunto de pêndulos oscilantes

Aparelho composto por dois pêndulos metálicos oscilantes, de forma circular, suspensos de um suporte vertical em forma de T, que se encontra fixo a uma base retangular de madeira.

2019/06/19

Peça do mês de junho - 2019

Dobadoura

Instrumento utilizado nas aulas de Tecelagem dos antigos cursos de têxteis para a preparação de meadas de 1 metro ou 1 jarda e determinação do título do fio. Trata-se de um sistema manual com manivela e um indicador mecânico de voltas. Na parte superior do quadrante, tem uma placa metálica dourada, aparafusada ao centro, com a seguinte inscrição: "Instruments de précision M. Claeysen nº 7, Rue La Quintinie - Paris".

Está inventariado com o número ME/401092/22 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária Campos Melo.

Trata-se de um aparelho manual utilizado para dobar as meadas de lã. O fio das meadas que se destina à tecelagem, precisa de ser alinhado em novelos, o que é feito através da dobadoura. Compõe-se geralmente de quatro varas dispostas vertical e paralelamente em torno de um eixo onde se enrolam as meadas.

2019/06/25

Exposição: "Fotografia Impressa e Propaganda Visual em Portugal (1934 - 1974)"

A Biblioteca Nacional disponibiliza esta exposição até ao dia 30 de agosto, revisitando o Estado Novo através da fotografia impressa e da propaganda visual. Através destes meios, o Estado Novo conseguiu construir um imaginário de Portugal e do seu Império.

2019/07/03

Escola Industrial Afonso Domingues

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário

ESCOLA INDUSTRIAL
A F O N S O
D O M I N G U E S

LISBOA
24 de Maio de 1956

No dia 24 de novembro de 1884 foi fundada a Escola de Desenho Industrial Afonso Domingues[2] na casa de João Cristiano Keil, na Calçada do Grilo, n.º 3-1º, sendo ministrado o curso diurno de desenho elementar e o curso noturno de desenho industrial e, posteriormente, alguns cursos profissionais.

A partir de 7 de janeiro de 1887, a escola foi transferida para o rés-do-chão do Palacete de D. Gonçalo Pereira da Silva de Sousa e Meneses, na Calçada da Cruz da Pedra, n.º 10. Logo após, em 1892, procede-se à adaptação de alguns edifícios anexos ao Asilo Dona Maria Pia, no do Convento da Madre Deus, para instalar a escola — a inauguração das novas instalações ocorreu em 24 de dezembro de 1897.

Em 1900, a Escola Afonso Domingues encontrava-se perfeitamente estabelecida, com relevo para o curso de desenho elementar, de arquitetura e

[2] Afonso Domingues foi o nome dado à escola de desenho industrial para homenagear o nomeado arquiteto quatrocentista do Convento da Batalha.

de máquinas. Dispunha de oficinas de pintura, fundição, carpintaria e serralharia e transformou-se num importante centro de estudos dos filhos dos mestres operários da região de Xabregas (E.S.A.D., 2010, p. 4):

"Ao longo destes anos, além dos cursos de desenho elementar e desenho Industrial, foram ministrados na escola entre outros: cursos profissionais (1886/87) com a criação de oficinas de pintura decorativa, de trabalhos em madeira e metal, carpintaria, etc. e cursos de ensino técnico, como os cursos de serralheiro mecânico, montador eletricista, carpinteiro marceneiro, que funcionaram quer em regime diurno quer noturno, os cursos profissionais de mecânica auto, instalações elétrica, metalomecânica e produção e os cursos técnico-profissionais de manutenção mecânica, eletrónica e instalações elétrica e química, cursos do programa 15-18 de operador de laboratório, Instalações elétrica, mecânica Auto e ainda cursos de educação e formação ao abrigo do Despacho 279/02 de 12 de abril, em regime diurno" (Escola Secundária Afonso Domingues, 2010, p. 4).

Os sucessivos diretores da referida escola, para além de desempenharem funções de professores, detêm várias competências profissionais, tais como pintores, manualistas, etc.. João José Vaz[3] foi pintor marinhista, professor e o primeiro diretor da Escola entre 1884-1926, sucedendo-lhe na direção, entre 1926-1955, o engenheiro mecânico João Furtado Henriques[4]. Entre 1955-1967, o reconhecido autor de manuais escolares e engenheiro mecânico Avelino

[3] **João José Vaz** (Setúbal, 9 de março de 1859 - Lisboa, 17 de fevereiro de 1931) foi um pintor e professor. Matriculou-se em 1872 na Academia das Belas-Artes de Lisboa. Ingressou no ensino em 1884, como professor e diretor na Escola Industrial Afonso Domingues. Em 1912 faz parte da comissão encarregada pelo Governo de formular a reorganização do ensino industrial e comercial nos graus elementar e médio. Dois anos mais tarde, em 1914, instalou o curso comercial na Escola de Desenho Industrial de Setúbal.

[4] **João Furtado Henriques** (?-1969) licenciado em Engenharia Mecânica no Instituto Superior Técnico, professor do ensino técnico, chefe interino da Repartição de Pedagogia Direção Geral do Ensino Comercial e Industrial. Na década de quarenta, Furtado Henriques publicou vários manuais escolares de desenho de máquinas, geometria e tecnologia metalomecânica.

Marques Poole da Costa[5] assume a direção da Escola Industrial Afonso Domingues.

O Decreto-lei n.º 37.028, de 25 de agosto de 1948, implementou um programa de construção de edifícios escolares do ensino profissional: adaptações, ampliações e melhoramentos e escolas novas. No caso específico da Escola Industrial Afonso Domingues foi decretada a construção de um novo edifício sito na Quinta das Veigas, em Marvila, atualmente Rua Miguel de Oliveira.

Segundo Martins (2009, p. 99), o projeto da Escola Industrial Afonso Domingues, da autoria do Arquiteto José Silva Costa[6], seguiu o Anteprojeto Tipo elaborado para as escolas profissionais apresentado pela Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário (JCETS), conforme a Memória Descritiva e Justificativa datada de 21 de dezembro de 1950, e obedecia ao mesmo espírito que presidira à conceção do projeto tipo para as Escolas Técnicas Elementares (1947) — a existência de três corpos: aulas, ginásio e oficinas.

Afonso Domingues foi o nome dado à escola de desenho industrial para homenagear o nomeado arquiteto quatrocentista do Convento da Batalha.
João José Vaz (Setúbal, 9 de Março de 1859 - Lisboa, 17 de Fevereiro de 1931) foi um pintor e professor. Matriculou-se em 1872 na Academia das Belas-Artes de Lisboa. Ingressou no ensino em 1884, como professor e diretor na Escola Industrial Afonso Domingues. Em 1912 faz parte da comissão encarregada pelo Governo de formular a reorganização do ensino industrial e comercial nos graus elementar e médio. Dois anos mais tarde, em 1914, instalou o curso comercial na Escola de Desenho Industrial de Setúbal.

[5] **Avelino Marques Poole da Costa** (?-1972) foi engenheiro mecânico e eletrotécnico. Professor do ensino técnico, diretor da Escola Industrial Afonso Domingues (1955-1967) e autor de autor e coautor de manuais escolares de desenhos de máquinas e de lições de eletricidade.
[6] **José da Costa e Silva** (Vila de Povos, Vila Franca de Xira, 25 de julho de 1747 - Rio de Janeiro, Brasil, 21 de março de 1819) foi um arquiteto português que trabalhou em seu país e no Brasil. Em Bolonha estudou com Petronio Francelli e Carlos Bianconi, adquirindo conhecimentos de arquitetura, geometria, perspetiva, aritmética, mecânica e hidrostática. Obteve vários prémios e distinções na Academia, e em 1775 foi nomeado Académico de Honra. Antes de regressar a Portugal, apresentou um projeto à Academia de São Lucas de Roma e, por isso, foi reconhecido como Sócio de Mérito da escola. Ainda em Itália foi convidado a ser professor da Universidade de Coimbra, mas declinou o convite.

João Furtado Henriques (?-1969) licenciado em Engenharia Mecânica no Instituto Superior Técnico, professor do ensino técnico, chefe interino da Repartição de Pedagogia Direção Geral do Ensino Comercial e Industrial. Na década de quarenta, Furtado Henriques publicou vários manuais escolares de desenho de máquinas, geometria e tecnologia metalomecânica.

Avelino Marques Poole da Costa (?-1972) foi engenheiro mecânico e eletrotécnico. Professor do ensino técnico, diretor da Escola Industrial Afonso Domingues (1955-1967) e autor, e coautor, de manuais escolares de desenhos de máquinas e de lições de eletricidade.

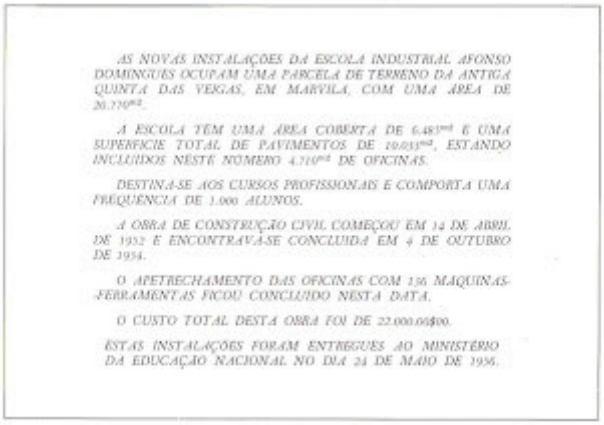
José da Costa e Silva (Vila de Povos, Vila Franca de Xira, 25 de julho de **1747** — Rio de Janeiro, Brasil, 21 de março de 1819) foi um arquiteto português que trabalhou em seu país e no Brasil. Em Bolonha estudou com Petronio Francelli e Carlos Bianconi, adquirindo conhecimentos de arquitetura, geometria, perspetiva, aritmética, mecânica e hidrostática. Obteve vários prémios e distinções na Academia, e em 1775 foi nomeado Académico de Honra. Antes de regressar a Portugal, apresentou um projeto à Academia de São Lucas de Roma e, por isso, foi reconhecido como Sócio de Mérito da escola. Ainda em Itália foi convidado a ser professor da Universidade de Coimbra, mas declinou o convite.

A 10 de dezembro de 1950 foi apresentado ao Ministro das Obras Públicas um plano geral de edificação de escolas, em que se incluía a Escola Industrial Afonso Domingues, com uma estimativa de 10.000 contos, e cuja construção deveria ser subsidiada pelo Fundo de Auxílio Americano.

O programa apresentado à Junta de Construções para o Ensino Técnico e Secundário pelo Ministério da Educação Nacional, em fevereiro de 1951,

impunha a existência de uma área de 3.400 m² de espaço para oficinas, gabinetes de mestres e depósitos de materiais e ferramentas, ultrapassando, largamente, os 700 m^2 previstos para a mesma finalidade.

A construção seguiu um projeto tipo, sendo composta por três edifícios, inaugurados no dia 1 de outubro de 1956, possuindo campos de jogos e pátios, inseridos numa zona arborizada, numa área total aproximada de 20.000 m^2. O custo total desta obra foi 22.000.00$00. A escola foi entregue ao Ministério da Educação Nacional no dia 24 de maio de 1956:



AS NOVAS INSTALAÇÕES DA ESCOLA INDUSTRIAL AFONSO DOMINGUES OCUPAM UMA PARCELA DE TERRENO DA ANTIGA QUINTA DAS VEIGAS, EM MARVILA, COM UMA ÁREA DE 20.730m².

A ESCOLA TÊM UMA ÁREA COBERTA DE 6.483m² E UMA SUPERFICIE TOTAL DE PAVIMENTOS DE 10.053m², ESTANDO INCLUIDOS NESTE NUMERO 4.710m² DE OFICINAS.

DESTINA-SE AOS CURSOS PROFISSIONAIS E COMPORTA UMA FREQUÊNCIA DE 1.000 ALUNOS.

A OBRA DE CONSTRUÇÃO CIVIL COMEÇOU EM 14 DE ABRIL DE 1952 E ENCONTRAVA-SE CONCLUIDA EM 4 DE OUTUBRO DE 1954.

O APETRECHAMENTO DAS OFICINAS COM 136 MAQUINAS-FERRAMENTAS FICOU CONCLUIDO NESTA DATA.

O CUSTO TOTAL DESTA OBRA FOI DE 22.000.00$00.

ESTAS INSTALAÇÕES FORAM ENTREGUES AO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL NO DIA 24 DE MAIO DE 1956.

No ano letivo de 1956/1957, a Escola Industrial Afonso Domingues já se encontrava instalada em edifício próprio construído na Quinta das Veigas, em Marvila. Esta infraestrutura evoluída permitiu oferecer excelentes condições de ensino, nomeadamente, com o recurso a diversas oficinas bem equipadas e laboratórios especializados.

As escolas industriais e comerciais foram extintas, em Portugal, depois do 25 de abril de 1974, como sabemos, foi instituída uma via unificada para o ensino, compreendendo o 7.º, 8.º e 9.º anos, terminando com a ramificação do ensino liceal e o ensino técnico, que marcara o futuro de tantas gerações. Consequentemente, o Decreto-Lei n.º 80/78, de 27 de abril, transforma a designação da Escola Industrial em Escola Secundária Afonso Domingues.

A Escola foi oficialmente extinta a 23 de março de 2010, por despacho de Secretário de Estado da Educação. O argumento então utilizado pelo governo do corredor para instalação da linha do TGV, para ligar Chelas ao Barreiro nunca se concretizou, sendo suspenso em 2012.

A Escola Secundária de Afonso Domingues, sita em Marvila, recebeu um ofício da Direção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo, no passado dia 28 abril, com a informação de que a escola foi extinta por Despacho do Senhor Secretário de Estado da Educação de 23 de março de 2010 e que teria de encerrar até 31 de agosto de 2010.

BIBLIOGRAFIA:

CARVALHO, Rómulo de (1996). *História do ensino em Portugal: desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2.ª edição.

DIAS, Luís Pereira (1998). *As outras escolas: o ensino particular das primeiras letras entre 1859 e 1881*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

ESCOLA SECUNDÁRIA DE AFONSO DOMINGUES (2010). *Regulamento interno* [em linha]. Lisboa: Escola Secundária Afonso Domingues [Consult. 11 de jun. 2019]. Disponível: https://web.archive.org/web/20081010045858/http://www.esec-afonso-domingues.rcts.pt/docs/regulamento_interno.pdf

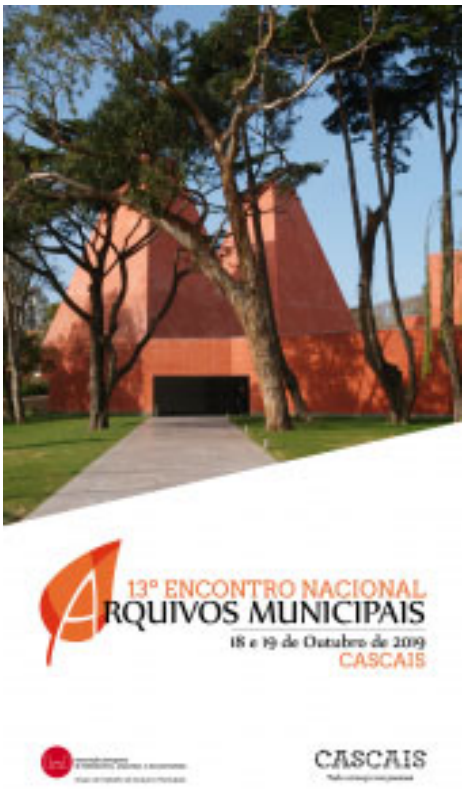
MARTINS, Maria Filomena Fernandes Pires (2009). *Edifício escolar e ideologias: estudo comparativo dos edifícios das Escolas Técnicas Industriais Afonso Domingues e Marquês de Pombal* [em linha]. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Instituto de Ciências da Educação [Consult. 11 de jun. 2019]. Disponível: http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/1158

NÓVOA, António, 2003 (dir.). *Dicionário de Educadores Portugueses*. Porto: Asa.

SILVA, Carlos Manique da (2002). *Escolas belas ou espaços sãos? Uma análise histórica sobre a arquitectura escolar portuguesa (1860-1920)*. Lisboa: IIE.

2019/07/10

6.º Inquérito Nacional à situação dos Arquivos Municipais



A BAD organizará, entre 18 e 19 de outubro, o 13º Encontro Nacional de Arquivos Municipais, que permitirá, entre outros tópicos, debater a realidade arquivística dos municípios. Para que tal seja possível, apela-se à colaboração de todos através do preenchimento de um inquérito on-line: https://www.bad.pt/form/index.php?option=com_rsform&formId=160
Caso não exista uma unidade de arquivo, essa situação deve igualmente ser comunicada.

2019/07/16

História da Ordem da Instrução Pública

Ordens Honoríficas Portuguesas

HISTÓRIA DA ORDEM DA INSTRUÇÃO PÚBLICA

As Ordens honoríficas de Portugal são distinções de mérito entregues pelo Presidente da República Portuguesa em nome dos portugueses para distinguir "*...em vida ou a título póstumo, os cidadãos portugueses que se notabilizem por méritos pessoais, por feitos cívicos ou militares ou por serviços prestados ao País*".

A **Ordem da Instrução Pública** – que integra o panorama das Ordens Honoríficas Portuguesas – deve a sua criação à necessidade sentida de reconhecer e galardoar por altos serviços prestados à causa da **Educação** e do **Ensino**.

A sua origem remonta a abril de 1927, altura em que, igualmente, foi criada a *Ordem da Instrução e da Benemerência* visando galardoar os serviços prestados (por nacionais, ou estrangeiros; ou, por corporações), à causa da instrução, bem como todos os atos de benemerência pública que tivessem repercussão no progresso e prosperidade do país.

Dois anos passados (1929), a *Ordem da Instrução e da Benemerência* foi reformulada, tendo resultado em duas ordens distintas: a *Ordem da Benemerência* e a *Ordem da Instrução Pública*. Esta última ficou circunscrita a galardoar serviços prestados à causa da instrução, mantendo o distintivo e as insígnias da Ordem originária.

A *Ordem da Instrução Pública* é composta por cinco graus:

A Lei orgânica das Ordens Honoríficas de 1962 definiu um pouco melhor o âmbito de concessão da *Ordem da Instrução Pública*, que passou a destinar-se a galardoar "serviços prestados por funcionários no ensino ou na administração escolar" e os "serviços prestados por quaisquer pessoas à causa da educação ou do ensino."

Na legislação subsequente simplificaram-se os fins de atribuição da *Ordem da Instrução Pública*, com a referência aos "altos serviços prestados à causa da educação e do ensino."

Ainda segundo uma das fontes consultadas:

● Esta Ordem não tem, atualmente, o grau de Cavaleiro/Dama, tendo sido substituído, em 1962, pela Medalha (MIP);

●. Do mesmo modo que acontece com outras Ordens Portuguesas, o título de Membro Honorário pode ser atribuído a instituições e localidades;

● Para além dos cidadãos nacionais, também os cidadãos estrangeiros podem ser agraciados com esta Ordem.

Alguns dos agraciados (nas diferentes sete categorias):

Membros Titulares e Honorários

António Sampaio da Nóvoa (Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública);
Roberto Carneiro (Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública);
Jorge Miranda (Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública);
Virgínia Rau (Grande Oficial da Ordem da Instrução Pública);
João José Fraústo da Silva (Grande Oficial da Ordem da Instrução Pública);
Joaquim Veríssimo Serrão (Comendador da Ordem da Instrução Pública);
Amélia Rey Colaço (Comendador da Ordem da Instrução Pública);
Humberto Delgado (Oficial da Ordem da Instrução Pública);
Fernando de Castro Pires de Lima (Cavaleiro da Ordem da Instrução Pública);
Manuel Correia Abreu (Medalha da Ordem da Instrução Pública);
Universidade Católica Portuguesa (Membro-Honorário da Ordem da Instrução Pública).

Bibliografia consultada e citada:

BRAGANÇA, José Vicente de (2004). *As Ordens Honoríficas Portuguesas.* In "Museu da Presidência da República". Lisboa: Museu da P.R./C.T.T.

CHANCELARIA DAS ORDENS HONORÍFICAS PORTUGUESAS (1968). *Ordens Honoríficas Portuguesas*. Lisboa: Imprensa Nacional.

WIKIPEDIA (2019). *Ordem da Instrução Pública* [em linha]. [Consult. 30 de maio 2019]. Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem_da_Instru%C3%A7%C3%A3o_P%C3%BAblica

ORDENS HONORÍFICAS PORTUGUESAS [2019]. *História da ordem da instrução pública* [em linha]. Lisboa: Presidência da República Portuguesa [Consult. 28 de maio de 2019]. Disponível: http://www.ordens.presidencia.pt/?idc=139

PORTUGAL. Lei n.º 5/2011, de 2 de março. *Lei das Ordens Honoríficas Portuguesas* [em linha]. D.R., 1.ª Série, N.º 43, 2 mar. de 2011. [Consult. 30 de maio de 3019]. Disponível: https://dre.pt/application/dir/pdf1sdip/2011/03/04300/0124901267.pdf

2019/07/18

Afonso Domingues: o patrono

O arquiteto quatrocentista Afonso Domingues foi, desde o início, o patrono da Escola de Desenho Industrial, criada na casa de João Cristiano Keil, na Calçada do Grilo, no dia 24 de novembro de 1884. O nome Afonso Domingues sempre permaneceu no nome da escola, desde a sua criação até ao seu *teminus*, independentemente das vicissitudes políticas.

A vida de Afonso Domingues permanece incógnita, sabe-se, no entanto, que foi arquiteto e terá nascido em Lisboa, em meados do século XIV e faleceu em 1404. Oriundo de uma família abastada, uma vez que tinha residência numa das zonas mais caras de Lisboa, na freguesia da Madalena. Terá chegado, pouco antes da sua morte, por volta de 1401/2, quando abandonou o controlo das obras do Mosteiro da batalha (Cf. Herculano, s.d., p. 361).

Com a experiência adquirida da edificação da Sé Catedral de Lisboa, Afonso Domingues foi o mestre arquiteto a quem se ficou a dever a traça original do Mosteiro da Batalha, tendo dirigido as obras desde 1388 até 1402 (até à sua morte). Da autoria do mestre Afonso Domingues são, efetivamente, o Claustro Real e a Sala do Capítulo e, possivelmente foi o autor do projeto da Sé Catedral da Guarda.

> "Estai quieto; estai quieto, mestre Afonso — disse Frei Lourenço, segurando o cego pelo braço. — O indigno prior do Mosteiro da Vitória não consentirá que o muito sabedor arquiteto e imaginador Afonso Domingues, o criador da oitava maravilha do Mundo, o que traçou este edifício, doado pelo virtuoso de grandes virtudes rei D. João à nossa Ordem, se levante para estar em pé diante do pobre frade [...]" (Herculano, s.d., p. 349).

Alexandre Herculano inspirou-se em Afonso Domingues ao escrever *A Abóbada:* em 1401 a diacronia de Lendas e Narrativas situa-se no ano de 1401, tendo como assunto a construção do Mosteiro da Batalha, mais concretamente, a construção da abóbada da Casa do Capítulo do Convento, por Afonso Domingues que a delineou e que, apesar de cego, a concluiu, depois das obras terem sido entregues ao arquiteto Huguet.

Segundo esta lenda, Afonso Domingues quis morrer na célebre sala, em cumprimento de um voto fatal, declamando: *a abóbada não caiu, a abóbada não cairá!* Sabe-se hoje que a abóbada da Casa Capitular não é da autoria de Afonso Domingues, mas de David Huguet, tendo podido ser, eventualmente, reconstruída por Martim Vasques, acredita-se, no entanto que a lenda tenha um resquício de verdade:

> "Aliás, devo acrescentar que embora o Mestre Afonso Domingues tenha sido o primeiro mestre, eventualmente aquele que esboçou o projecto inicial de como se desenvolveria a obra, o que hoje nos resta do monumento, sobretudo os seus espaços que ainda hoje podem ser visitados, a sua construção deve-se fundamentalmente ao Huguet. Estamos a falar do portal principal, estamos a falar da cobertura da igreja, da Capela do Fundador, do Claustro Juanino e das Capelas Imperfeitas, que foram iniciadas por Huguet" (Órfão, 2003).

Como verificamos, Afonso Domingues foi o primeiro Mestre a esboçar a edificação do Mosteiro e, por conseguinte, a acompanhar as obras iniciáticas, não obstante, foi David Huguet – catalão ou flamengo – o segundo Mestre a findar as obras e a completar a abóboda.

BIBLIOGRAFIA:

CARVALHO, Rómulo de (1996). *História do Ensino em Portugal: desde a Fundação da Nacionalidade até ao fim do Regime de Salazar-Caetano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2.ª edição.

DIAS, Luís Pereira (1998). *As outras escolas: o ensino particular das primeiras letras entre 1859 e 1881*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

INFOPÉDIA (2019). *Afonso Domingues* [em linha]. Porto: Porto Editora [consult. 29 de abr. 2019]. Disponível: https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$afonso-domingues

HERCULANO, Alexandre (s. d.). *Lendas e narrativas* [em linha]. Lisboa: Luso Livros [Consult. 29 de abr. 2019]. Disponível: https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2014/05/Lendas-e-Narrativas.pdf

ÓRFÃO, Júlio (2003). *Quem terminou a Sala do Capítulo do Mosteiro foi David Huguet e não Afonso Domingues* [em linha]. Lisboa: Tinta Fresca: Jornal de Arte & Cultura e Cidadania, N.º 38 (dez. 2003). [Consult. 12 de jun. 2019]. Disponível: http://www.tintafresca.net/News/newsdetail.aspx?news=2fbb7637-7210-4a4a-a917-b012d5cd37e4&edition=38

2019/07/31

Peça do mês de julho

Estrutura de Habitação

Modelo de uma estrutura para habitação, em madeira, trabalho de marcenaria realizado pelos alunos no âmbito da disciplina de trabalhos manuais onde eram aplicados os conhecimentos técnicos necessários para elaborar o mesmo objeto em tamanho real.

Está inventariado com o número ME/ESMC/266 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária Machado de Castro.

Desde a antiguidade, a madeira foi a matéria prima utilizada na construção de habitações, quer pela abundância, quer pela leveza e facilidade de trabalhar. A construção de habitações em madeira foi condicionada pelas características do local e pela estrutura cultural da população. Com a associação do metal à madeira, surgiram novos sistemas de ligação e novas formas de habitação com maior solidez. O desenvolvimento das técnicas de serragem permitiu a evolução do tipo de construções, com maior estabilidade e o seu alargamento em altura. No século XIX a madeira deu lugar a outros materiais como o aço e posteriormente o betão.

2019/08/07

Escola Secundária D. Inês de Castro - Alcobaça

ESCOLA SECUNDÁRIA D. INÊS DE CASTRO, ALCOBAÇA

Entre 1910 e 1918, os esforços do ilustre alcobacense Manuel Vieira Natividade, juntamente com Ana de Castro Osório e José Joaquim dos Santos, conduzem à criação, em 1918, da Escola Agrícola Feminina Vieira Natividade. O Decreto que a instituiu é de 18 de abril de 1918 (Decreto n.º 4105). As obras começaram com o lançamento da primeira pedra em 11 de julho de 1921, sendo inaugurada em 3 de maio de 1925.

O projeto, supostamente de Raul Lino, era considerado arrojado para a época e sobrevive no edifício chamado, durante longos anos, Escola Velha (Hoje, felizmente completamente recuperado, transformou-se numa inquestionável mais-valia para a Escola D. Inês de Castro e, indiscutivelmente, no seu ex-libris maior). A vida da escola foi curta: em 1933, face à pouca frequência da escola (que era frequentada por alunas oriundas do Asilo da Infância Desvalida de Alcobaça e, porventura por isso, rejeitada pelos pais de Alcobaça) e à política hostil do Estado Novo, dá-se a sua anunciada extinção.

Em 1932, por iniciativa e a expensas da Câmara, é criado o Liceu Municipal - que funcionaria, durante a sua curta vigência, nas instalações da extinta Escola Agrícola Feminina. Com efeito, pouco tempo volvido, em vez de se transformar em Liceu Nacional, como era anseio da população, o Liceu Municipal foi, também, extinto. Em 1947, recomeça o ensino agrícola, com cursos de Pomicultura. Sediado na antiga escola, doravante chamada Escola Prática de Agricultura Vieira Natividade, o curso destinava-se essencialmente a trabalhadores rurais.

Entretanto, começa a emergir um movimento de apoio à construção de uma Escola Técnica Comercial e Industrial em Alcobaça. Estes esforços viriam a ser coroados de êxito, oito anos depois, com a transformação da Escola Prática

Agrícola em Escola Técnica de Alcobaça (ETA), através do Decreto 40:029, de 28 de junho de 1955. Entretanto, tinha já sido aberto concurso para a construção de um edifício que comportasse esta Escola Técnica.

Segundo a brochura do Ministério das Obras Públicas (Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário), intitulado *Novas instalações de escolas técnicas e liceus a inaugurar em abril e maio de 1961*, há as seguintes informações sobre a referida escola: as novas instalações da Escola Técnica de Alcobaça situam-se na extensa propriedade agrícola do Estado, onde funcionou, durante muitos anos, a Escola Agrícola Vieira Natividade. Além dos Cursos Elementares de Especialização Profissional Agrícola, serão ministrados, para uma população de 800 alunos, os cursos do Ciclo Preparatório e Complementares de Aprendizagem - serralheiro, ceramista e comércio.

O início da obra foi projetado para 12 de maio de 1958 e sua conclusão para 15 de março de 1961. O custo total das instalações foi estimado em 10.131.000$00 e a área de coberta é 3.450 m², donde a superfície de pavimentos é 5.340 m².

Em 1974/75, coincidente com a Revolução do 25 de abril, deu-se uma explosão da população escolar. Por via disso, voltaram a ser ocupadas as instalações da Escola Velha - encerradas desde 1960. Foram também aproveitadas para instalações escolares os antigos dormitórios, construídos no final da década de

50 com as receitas da exploração agrícola. Em 1975/76, iniciou-se o Curso Geral Unificado do Ensino Secundário.

A Lei 80/78 transforma todos os Liceus e Escolas Técnicas em Escolas Secundárias, ganhando a escola, então, o nome de Escola Secundária de Alcobaça. Em 1985/86, o ano escolar começou conturbado - abandona-se a Escola Velha, completamente degradada, não obstante a colocação de um telhado novo em 1983, e são instalados (provisoriamente, mas até 2001) pavilhões pré-fabricados.

Em 1988/89 é criada a Escola Secundária N.º 2 de Alcobaça, solução que aliviou bastante a pressão demográfica que se fazia sentir. Em janeiro de 1990 é celebrado o contrato programa para a criação da Escola Prática de Agricultura de Cister (EPACIS) em que são outorgantes o Estado (GETAP), a Escola Secundária N.º 1 de Alcobaça, a Câmara Municipal de Alcobaça, Cooperativa Agrícola de Alcobaça e a Cooperativa Agrícola dos Avicultores e Criadores de Gado da Benedita.

A Escola Secundária N.º 1 de Alcobaça transforma-se em Escola Secundária D. Inês de Castro, em 24 de setembro de 1993 (Despacho 140/SERE/93). Ultimamente, desde 2000, a Escola tem oscilado de tipologia: já foi escola apenas secundária, voltou a acolher o 3.º Ciclo. Por Despacho do Senhor Secretário de Estado da Educação, de 26 de abril de 2007 (Ofício n.º 22644, de 10 de maio de 2007, da DREL), passou a ostentar a seguinte designação: Escola Secundária D. Inês de Castro.

A intervenção na Escola Secundária D. Inês de Castro, pela Parque Escolar, EPE, através do Programa de Modernização das Escolas destinadas ao Ensino Secundário (PMEES), abrangeu três vertentes distintas, incidindo apenas numa área parcial do lote. Estas vertentes desenvolveram-se ao nível da remodelação das instalações existentes, da construção de novos edifícios e do rearranjo das áreas envolventes.

Os novos edifícios vieram acolher os espaços de apoio administrativo, as áreas sociais como o refeitório, o bar e a sala de convívio e ainda a biblioteca, localizada numa posição chave, permitindo, desta forma, a sua abertura à comunidade exterior. Destaca-se ainda a conservação do edifício da Escola Velha, onde se concentram os espaços do Centro de Novas Oportunidades e o Centro de Formação de Professores, complementados pela existência de um pequeno auditório.

BIBLIOGRAFIA:

PARQUE ESCOLAR, EPE (2019). Escola Secundária D. Inês de Castro, Alcobaça [em linha]. [Consult. 24 de jun. de 2019]. Disponível: https://www.parque-escolar.pt/pt/escola/074

SECETARIA-GERAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA (2019). *Escola Secundária D. Inês de Castro, Alcobaça* [em linha]. [Consult. 24 de jun. de 2019]. Disponível: http://arquivo-ec.sec-geral.mec.pt/details?id=52884

TINTA FRESCA: JORNAL DE ARTES CULTURA& CIDADANIA (28 de janeiro de 2011). *Escola Secundária D. Inês de Castro de Alcobaça inaugura novas instalações* [em linha]. [Consult. 24 de jun. de 2019]. Disponível: http://www.tintafresca.net/News/newsdetail.aspx?news=8c9f3737-0052-409f-ae29-52d6c18d1db0&edition=123

TINTA FRESCA: JORNAL DE ARTES CULTURA& CIDADANIA (3 de fevereiro de 2011). *Escola Secundária D. Inês de Castro de Alcobaça: Secretário de Estado João Tiago Silveira inaugurou obras de requalificação da ESDICA* [em linha]. [Consult. 24 de jun. de 2019]. Disponível: http://www.tintafresca.net/News/newsdetail.aspx?news=70da2aeb-43df-4a87-8304-9cd98d712e74&edition=124

2019/08/12

D. Inês, de Castro (ca 1320 – 1355)

Em 1961 foi inaugurada a Escola Técnica de Alcobaça, situada na extensa propriedade agrícola do Estado, onde funcionou, durante muitos anos, a Escola Agrícola Vieira Natividade. Em 24 de setembro de 1993, a referida escola passa a denominar-se Escola Secundária D. Inês de Castro (Despacho 140/SERE/93).

O patrono da Escola é, como verificamos, D. Inês de Castro, a Linda Inês que um dia chegou a Portugal, como aia de D. Constança, a esposa escolhida para o Infante D. Pedro. O Infante olhou Inês e, de um fugaz olhar, resultou um amor eterno. Este amor suplantou as convenções sociais, as razões de Estado e, até, a própria morte.

Inês de Castro nasceu em 1320 ou 1325 na Galiza, era filha ilegítima do nobre galego Pedro Fernandes de Castro, o da Guerra, e de uma dama portuguesa, Aldonça Suárez de Valadares, e irmã de D. Fernando e de D. Álvaro Pires de

Castro. Por parte de seu pai era bisneta ilegítima de D. Sancho de Castela, pai de D. Beatriz de Castela que era mãe de D. Pedro, futuro Rei de Portugal. Era, portanto, prima em 3.º grau de D. Pedro.

Viveu parte da sua infância no castelo de Albuquerque cuja dona, que a criou como filha, era casada com Afonso Sanchez, filho ilegítimo de D. Diniz, até vir a ser aia de sua prima de D. Constança Manuel, filha de João Manuel de Castela, poderoso nobre descendente da Casa Real Castelhana e que estava prometida ao príncipe de Portugal, D. Pedro.

Inês de Castro chega a Évora, integrada no séquito de D. Constança, em 1340. Desde cedo foram conhecidos os amores de D. Pedro pela dama galega. D. Afonso IV, temendo esta relação, exila-a na fronteira espanhola em 1344.

Após a morte de D. Constança volta a Portugal, tendo vivido com D. Pedro, de quem vem a ter quatro filhos, o primeiro, D. Afonso, que morreu em criança. Viveram em vários locais na zona da Lourinhã e, por fim, em Coimbra no Paço da Rainha Santa junto ao Convento de Santa Clara-a-Velha, tendo sido degolada a 7 de janeiro de 1355 por ordem de D. Afonso IV.

Da vida de Inês de Castro pouco se sabe, a sua trágica morte e o amor sem limites de D. Pedro e a forma como este quis perpetuar esses amores, alimentou desde cedo a poesia e a narrativa histórica, não deixando morrer o mito Inês de Castro.

BIBLIOGRAFIA:

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE CISTER (2017). *Projeto Educativo 2017- 2021: ser mais Educação em Alcobaça* [em linha]. Alcobaça: A.E.C. [Consult. 31 de maio de 2019]. Disponível: https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/22702

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE CISTER (2019). *Regimento do Conselho Geral* [Em linha]. Alcobaça: A.E.C. [Consult. 31 de maio de 2019]. Disponível: http://www.aecister.pt/uploads/documentos/Conselho%20Geral/Regimento%20Conselho%20Geral/Regimento%20do%20Conselho%20Geral.pdf

FUNDAÇÃO INÊS DE CASTRO (2010). *Biografia* [em linha]. Coimbra: Quinta das Lágrimas [Consult. 31 de maio de 2019]. Disponível: https://www.fundacaoinesdecastro.com/index.php/contactos.html

PARQUE ESCOLAR E.P.E. (2019). *Escola Secundária D. Inês de Castro, Alcobaça* [em linha]. Lisboa: Parque Escolar [Consult. 31 de maio de 2019]. Disponível: https://www.parque-escolar.pt/pt/escola/074

2019/08/14

Peça do mês de agosto

Fasímetro

Instrumento utilizado no Laboratório de Eletrotecnia ou Física para fins pedagógicos. Trata-se de um dispositivo utilizado para determinar a sequência das fases - abc (sequência direta) ou acb (sequência inversa) num sistema elétrico trifásico. O fasímetro utiliza-se sobretudo para medir a diferença entre duas grandezas elétricas da mesma frequência, como por exemplo, corrente e tensão.

Está inventariado com o número ME/400531/98 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária de Silves.

2019/09/04

Exposição: "Imagens anamórficas no Museu Virtual da Educação"

As imagens anamórficas são desenhos elaborados com uma perspetiva deformada. Quando colocadas junto a um espelho cilíndrico, a ângulo da sua superfície corrige a deformação do desenho e permite vê-lo com clareza.

São utilizadas em contexto pedagógico nas aulas de Física para o estudo dos fundamentos da reflexão e da formação da imagem em espelhos curvos e planos. Permite realizar experiências relacionadas com a área da ótica, proporção e medidas, leis da reflexão e formação da imagem. O termo anamorfose é de origem grega e significa retorno, reformação, renovação.

ME/402047/88

ME/Escola Secundária Latino Coelho

Conjunto de 12 cartões com desenhos deformados (perspetiva) que servem para ser colocados junto ao objeto cilíndrico (o ângulo da sua superfície corrige a deformação do desenho). São utilizadas em contexto pedagógico nas aulas de Física.

ME/402837/93

ME/Escola Secundária de Sá da Bandeira

Cartão com imagem anamórfica de um casal de figurinos, que é visível na sua forma original quando vista através de um espelho cilíndrico colocado sobre a circunferência preta existente na imagem. Faz parte de um conjunto de seis imagens relativas a diferentes temáticas.

ME/402837/93/1

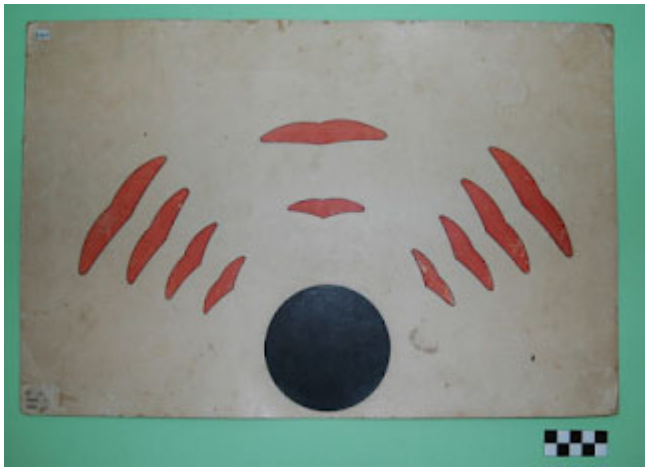
ME/Escola Secundária de Sá da Bandeira

Cartão com imagem anamórfica de uma figura zoomórfica, que é visível na sua forma original quando vista através de um espelho cilíndrico colocado sobre a circunferência preta existente na imagem. Faz parte de um conjunto de seis imagens relativas a diferentes temáticas.

ME/402837/93/2

ME/Escola Secundária de Sá da Bandeira

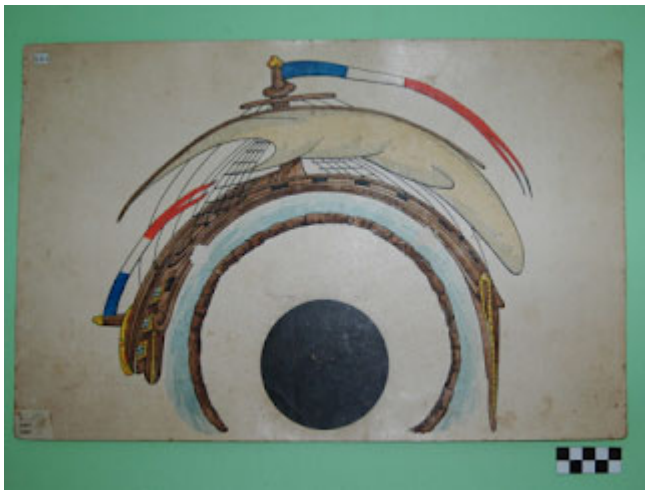
Cartão com imagem anamórfica de uma camponesa rodeada de ovelhas, que é visível na sua forma original quando vista através de um espelho cilíndrico colocado sobre a circunferência preta existente na imagem. Faz parte de um conjunto de seis imagens relativas a diferentes temáticas.



ME/402837/93/3

ME/Escola Secundária de Sá da Bandeira

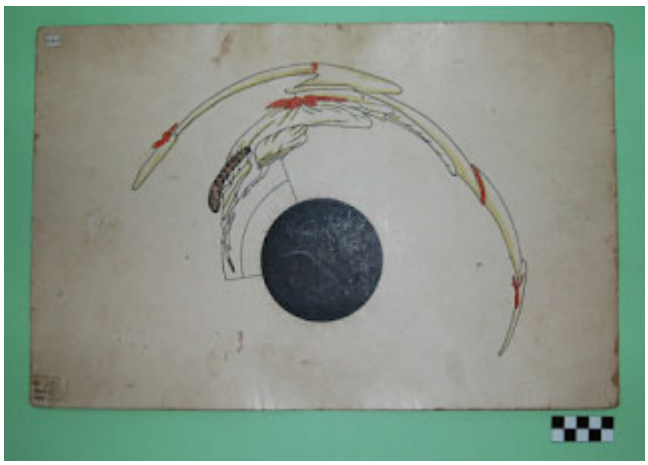
Cartão com imagem anamórfica de corações, que é visível na sua forma original quando vista através de um espelho cilíndrico colocado sobre a circunferência preta existente na imagem. Faz parte de um conjunto de seis imagens relativas a diferentes temáticas.



ME/402837/93/4

ME/Escola Secundária de Sá da Bandeira

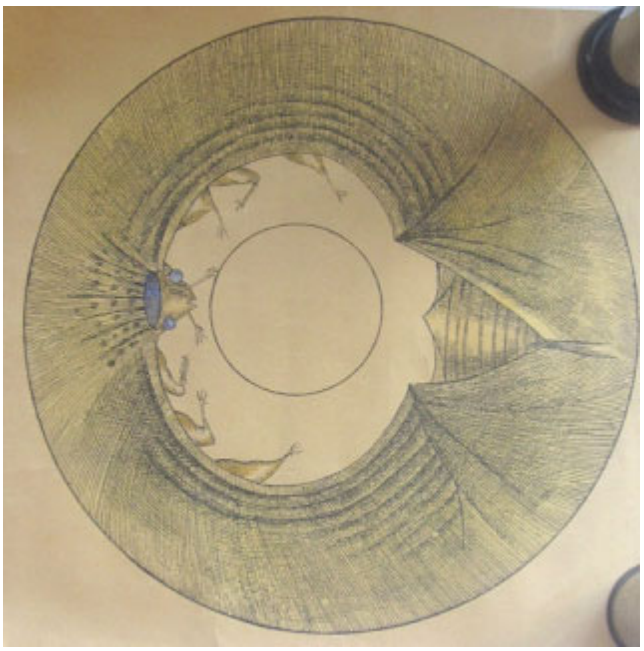
Cartão com imagem anamórfica de um navio, que é visível na sua forma original quando vista através de um espelho cilíndrico colocado sobre a circunferência preta existente na imagem. Faz parte de um conjunto de seis imagens relativas a diferentes temáticas.



ME/402837/93/5

ME/Escola Secundária de Sá da Bandeira

Cartão com imagem anamórfica de um acrobata, que é visível na sua forma original quando vista através de um espelho cilíndrico colocado sobre a circunferência preta existente na imagem. Faz parte de um conjunto de seis imagens relativas a diferentes temáticas.



ME/403556/170

ME/Escola Básica e Secundária de Carcavelos

Cartão com imagem anamórfica de um inseto, que é visível na sua forma original quando vista através de um espelho cilíndrico colocado sobre a circunferência delineada a negro, existente na imagem. Faz parte de um conjunto de seis imagens relativas a diferentes temáticas, utilizadas em contexto pedagógico nas aulas de Física.

ME/403556/172

ME/Escola Básica e Secundária de Carcavelos

Cartão com imagem anamórfica de um Pierrot, que é visível na sua forma original quando vista através de um espelho cilíndrico colocado sobre a circunferência delineada a negro, existente em cada imagem. Faz parte de um conjunto de seis imagens relativas a diferentes temáticas, utilizadas em contexto pedagógico nas aulas de Física.

2019/09/11

Escola Secundária Alexandre Herculano

ESCOLA SECUNDÁRIA ALEXANDRE HERCULANO

LICEU ALEXANDRE HERCULANO

LICEU CENTRAL DE ALEXANDRE HERCULANO

LICEU NACIONAL ALEXANDRE HERCULANO

Com o aumento demográfico verificado em finais de oitocentos e, acima de tudo, devido às exigências sociais republicanas, impunha-se a construção de novos estabelecimentos liceais no país. Neste panorama político, a cidade do Porto seria dividida em duas grandes zonas pedagógicas, instalando-se em cada uma delas um liceu central, por Decreto de 4 de janeiro de 1906.

A criação de um liceu no porto foi imediata em instalações provisórias e inapropriadas - num velho e feio pardeiro, ali à rua do Sol, com um pavilhão anexo apenas coberto por telhados de zinco[7]-, passados dois anos, em 1908, o referido liceu já ostentando a denominação de Liceu Central de Alexandre Herculano e, desta feita, procedeu-se à sua transferência para a Rua de Sto. Ildefonso.

[7] NÓVOA, António (2003). *Liceus de Portugal: histórias arquivos memórias*, p. 596

Depois de ter sido lançada a primeira pedra da construção do Liceu, em 1916, em cerimónia oficial testemunhada pelo presidente da República Bernardino Machado (1851-1944), a conclusão do projeto verificou-se apenas em 1934, da autoria do conhecido arquiteto José Marques da Silva (1869-1947), que viveu em Paris, entre 1889 e 1896, depois de ter cursado na Academia de Belas-Artes do Porto, e antes de ter obtido vários prémios de reconhecimento internacional, designadamente no âmbito das Exposições Universais de Paris (1900) e do Rio de Janeiro (1908).

Um longo período pautado por diversas adversidades, não apenas económicas, como, sobretudo, políticas, ditadas, quer pelo envolvimento do país na I Grande Guerra, quer pelos sucessivos tumultos registados entre finais da segunda década, inícios da terceira, culminando no estabelecimento da Ditadura Militar e do *Estado Novo*, no início do qual seria finalizado, ainda que já fosse frequentado desde o ano letivo de 1921-1922.

Contemplando de início 28 salas de aula, com áreas específicas destinadas ao ensino de física, química, geografia, desenho e música, a par de uma biblioteca, anfiteatro para apresentação de teatros e, já num segundo momento, de cinema, cinco pátios de recreio, um de desporto, três ginásios, piscina, cozinha e refeitórios, sanitários, gabinetes médicos, sala de professores, gabinete do médico escolar e três cómodos para o reitor, o projeto denunciava um conhecimento assaz profundo das mais recentes teorias e práticas pedagógicas,

designadamente das implementadas além-fronteiras, assim como, certamente, uma colaboração estreita e verdadeiramente exemplar entre arquiteto e pedagogos.

As alterações verificadas, desde então, resumiram-se à construção de 8 novas salas de aula e de uma capela, já nos anos sessenta, perante o aumento do número de alunos entretanto registado, amplamente frequentado por destacados membros da sociedade portuense, nomeadamente das suas Artes e Letras.

O Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano (AEAH) foi criado em junho de 2012, sendo então frequentado por cerca de 2800 alunos. Atualmente, o agrupamento conta com uma população discente composta por cerca de 15521 alunos, sendo constituído por todos os anos de escolaridade/níveis de ensino (da Educação Pré-escolar ao Ensino Secundário).

O AEAH compreende nove estabelecimentos de ensino (seis escolas básicas com educação pré-escolar e 1.º ciclo, duas escolas básicas com 2.º e 3.º ciclos e uma escola secundária) situados na zona central e oriental do concelho do Porto, a saber: na Freguesia do Bonfim, situam-se as Escolas Básicas da Alegria, do Campo 24 de agosto, da Lomba, Dr. Augusto César Pires de Lima e a Escola Secundária Alexandre Herculano, sede do agrupamento onde se prevê, a curto prazo, a realização de obras de requalificação; na Freguesia de Campanhã, estão localizadas as Escolas Básicas das Flores, Ramalho Ortigão e de Noeda; na União de Freguesias do Centro Histórico do Porto, está situada a Escola Básica do Sol.

As unidades educativas enunciadas, construídas há largos anos, são geograficamente pouco dispersas e estão inseridas num meio urbano com grande diversidade étnico-cultural, circunstanciado pelo forte decréscimo da população estudantil que se tem vindo a verificar, desde os anos 80, como reflexo da deslocação demográfica de grandes massas populacionais para a periferia do Porto.

NÍVEL/CICLO	Nº DE TURMAS	Nº DE ALUNOS INSCRITOS
PRÉ ESCOLAR	7	156
1º CICLO	24	496
2º CICLO	11	212
3º CICLO	17	329
ARCO MAIOR	2	29
SECUNDÁRIO REGULAR	15	192
SECUNDÁRIO PROFISSIONAIS	3	53
ENSINO RECORRENTE	6	85
Total	**85**	**1552**

O AEAH tem vindo a promover a inclusão e a sensibilização para a diferença, integrando:

- Uma Escola de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos (EREBAS), a funcionar na escola sede;

- Uma Unidade de Apoio Especializado para a Educação de Alunos com Multideficiência, também a funcionar na escola sede;

- Uma Unidade de Ensino Estruturado para Alunos com Perturbações no Espetro do Autismo, a funcionar na escola básica do Campo 24 de Agosto.

Atualmente, e no âmbito do novo enquadramento legal, o DL 54/2018, de 6 de julho, estas valências integram o Centro de Apoio à Aprendizagem. Para além disso, apresenta a oferta, em regime presencial, do Ensino Recorrente e dos Cursos PFOL (Português Para Falantes de Outras Línguas).

BIBLIOGRAFIA:

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS ALEXANDRE HERCULANO (2017). Projeto educativo 2017/21 [em linha]. Porto: A.E.A.H. [Consult. 5 de maio de 2019]. Disponível: http://www.aealexandreherculano.pt/2018-19/documentos/projeducativo.pdf

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS ALEXANDRE HERCULANO (2013). *Regulamento interno* [em linha]. Porto: A.E.A.H. [Consult. 5 de maio de 2019]. Disponível: http://www.aealexandreherculano.pt/2013-14/Reg_Interno_AEAH.pdf

COENTRÃO, Abel (2019). *Reabilitação do liceu Alexandre Herculano não teve concorrentes* [em linha]. Lisboa: Jornal Público [Consult. 5 maio de 2019]. Disponível: https://www.publico.pt/2019/01/03/local/noticia/reabilitacao-liceu-alexandre-herculano-nao-concorrentes-1856566

DICIONÁRIO HISTÓRICO (s.d.). Carvalho e Araújo *(Alexandre Herculano de).* [em linha]. [Consult. 5 de maio de 2019]. Disponível: http://www.arqnet.pt/dicionario/herculanoalex.html

DIREÇÃO-GERAL DO PATRIMONIO CULTURAL (2003). *Liceu Alexandre Herculano* [em linha]. [Consult. 5 de maio]. Disponível: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/6853117/

NÓVOA, António (coord.) (2003). *Liceus de Portugal: histórias arquivos memórias*. Lisboa: ASA.

2019/09/18

Peça do mês de setembro - 2019

Gasómetro

Instrumento utilizado no Laboratório de Física para as práticas pedagógicas. Este utensílio serve para produzir acetileno, a partir da reação da carbite com água, colocados no depósito superior da peça. O produto desta reação passa para o reservatório inferior, através da torneira existente na base do depósito superior. O acetileno obtém-se através de uma mangueira que se liga a uma saída existente na parte inferior do reservatório.

Está inventariado com o número ME/402310/241 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária Mouzinho da Silveira.

O gasómetro teve a sua origem nos finais século XIX. Era geralmente formado por dois reservatórios: na zona superior é colocada água e na inferior carboneto de cálcio. Através de uma válvula controla-se a quantidade de água que passa de uma zona para a outra, o que permite o controle do caudal de gás que é produzido e que é responsável pela luz que é ampliada pelo refletor de latão. Entre 1920 e 1950 foi o sistema de iluminação mais utilizado, inclusive nos faróis do primeiro modelo da Ford.

2019/09/19

"International Congress on Architectural Archives"

Nos próximos dias 25 a 27 de setembro realizar-se-á o congresso "International Congress on Architectural Archives", na Universidade do Minho. O tema deste ano serão "Experiências Profissionais numa Diversidade Cultural". A Secretaria-Geral da Educação e Ciência vai participar com uma comunicação intitulada "O arquivo da Direção-Geral das Construções Escolares um caso ímpar de um arquivo arquitetónico no seio da Administração Pública Portuguesa".

2019/09/25

Alexandre Herculano - Patrono

Alexandre Herculano (1810-1877)

Desde a criação do Liceu Alexandre Herculano, em 1906/1907, até à atualidade, como sede de Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano, esta instituição de ensino do Porto sempre ostentou o nome do pensador/historiador como patrono.

Quem era Alexandre Herculano? A sua educação literária começou com o estudo do latim e latinidade nas aulas dos padres congregados de S. Filipe Nery, do hospício das Necessidades, sendo seu mestre o padre Vicente da Cruz. Preparava-se para continuar os preparativos indispensáveis para a matrícula na Universidade de Coimbra, mas em 1827, cegando seu pai, e sofrendo seu avô materno um grande revés da fortuna, pela falta de pagamento de somas importantes de que era credor como mestre nas obras da Ajuda, faltaram-lhe os recursos; contudo, Alexandre Herculano não desanimou do seu propósito de se ilustrar e conseguiu aprender particularmente as língua francesa, inglesa e alemã, matriculando-se no primeiro ano da Aula do comércio em 1830,

seguindo o curso de Paleografia, a que então se chamava Diplomática, na Torre do Tombo, regido por Francisco Ribeiro Dosguimarães, no ano letivo de 1830-1831.

Desta época data a primeira revelação que teve da literatura alemã, que lhe fez a Marquesa de Alorna, como ele próprio confessa na biografia que escreveu daquela ilustre senhora. Contava 21 anos, e já o jovem estudante, com os conhecimentos variados que adquirira, bem mostrava que a sua mocidade fora bem dedicada ao estudo. Animavam-se então naquela época os ânimos políticos; a guerra civil com todos os seus horrores absolutistas, enchia de presos as cadeias do reino só pelo crime de serem liberais, e nas praças públicas eram os patíbulos levantados consecutivamente.

Alexandre Herculano viu-se obrigado a interromper os estudos para seguir a voragem da revolução; inimigo de todas as opressões, e estrénuo defensor da liberdade, uniu-se aos constitucionais, e sendo implicado na malograda revolta de infantaria n.º 4 em 31 de agosto de 1831. Por Decreto de 17 de julho de 1833 foi nomeado segundo bibliotecário da Biblioteca Pública do Porto, e exercia ainda esse cargo, quando rebentou a 10 de setembro de 1836 o movimento em Lisboa contra a Carta Constitucional. Herculano mandou logo no dia 17 um ofício ao presidente da câmara municipal dando a sua demissão, dizendo que partia para Lisboa, porque prestara a maior fé à Carta Constitucional.

Em 1843 efetuou-se novo contrato, e os *Panoramas* de 1853 e 1854 têm muitos artigos de Alexandre Herculano, que mais tarde se publicaram em livros. Em 1852, conjuntamente com o marquês de Niza, fundou o jornal político *O País,* em que fez veemente oposição ao governo. Dois anos mais tarde organizou outro jornal, intitulado *O Português.* A Academia Real das Ciências intentou a publicação dos *Monumentos históricos de Portugal,* desde o século VIII até ao século XV, começando por distribuir em épocas os trabalhos de indagação e catalogação dos mesmos monumentos, e devendo a primeira parte abranger os do século VIII até ao ano de 1280. Esta obra importantíssima foi encetada, e compunha-se de três partes: *Escritores, Diplomas e Cartas, Leis e Costumes.*

Alexandre Herculano havia sido nomeado sócio correspondente em 21 de fevereiro de 1844, efetivo em 13 de fevereiro de 1852 e de mérito em 14 de junho de 1850. Ninguém mais habilitado do que ele poderia ser chamado para um trabalho daquela ordem, para o qual eram precisos grandes conhecimentos de diplomática e de paleografia, e a maior prática de rever arquivos. Em 6 de junho do 1853 saiu de Lisboa Alexandre Herculano, em direção à Beira, onde até setembro visitou todos os arquivos e bibliotecas.

Sendo em março de 1856 nomeado guarda-mor da Torre do Tombo, Joaquim José da Costa Macedo, que pouco tempo antes pedira a sua exoneração de sócio e de secretário perpétuo da Academia, por grandes desinteligências que o tornavam incompatível nesta corporação com alguns dos seus colegas, Alexandre Herculano declarou terminantemente na sessão de 31 do referido mês, que em vista daquela nomeação, não podia voltar à Torre do Tombo, em consequência da incompatibilidade de privar com o novo guarda-mor; e como os seus trabalhos para a publicação dos *Monumentos Históricos* exigiam as suas frequentes visitas ao arquivo nacional, resignava os serviços que poderia prestar, e assim demitia-se do cargo de vice-presidente, e até mesmo de sócio.

A Academia em 9 de outubro do mesmo ano, deu-lhe novo diploma de sócio, que ele aceitou, e em dezembro tornou a elegê-lo vice-presidente. Herculano, numa carta datada de 27 deste mês, não só persiste na resolução de não ocupar a vice-presidência, mas declara-se morto para as letras, enquanto se achar colocado pelos poderes públicos entre a humilhação e o silêncio, entre a desonra e a abstenção, porque a pátria tinha o direito de exigir tudo de seus filhos, menos o aviltamento. Foi por esta razão que deixou os *Monumentos Históricos* e a *História de Portugal,* em que também trabalhava, e a vida ativa das letras, entregando-se à agricultura na quinta do Calhariz, pertencente aos duques de Palmela, no concelho de Sesimbra, que por esse tempo trazia arrendada, indo desterrar-se mais tarde, em 1867, para Vale de Lobos, onde se conservou até falecer.

Em 8 de outubro de 1857 fora aposentado o guarda-mor da Torre do Tombo, e Alexandre Herculano tinha de novo aberta a porta daquele arquivo público, e

como sócio da Academia, que se encarregara dos *Monumentos históricos,* voltou à sua tarefa até 1873, mas por sua morte deixou incompleta, apesar de ficarem muito adiantadas as três partes. A *História da Inquisição,* e a maneira como descreve no 1.º volume da *História de Portugal* a batalha de Ourique, negando a aparição de Cristo ao fundador da Monarquia, levantaram contra ele as iras de todo o clero, que não se fartava de o invetivar por toda a forma, tanto em folhetos, como em jornais religiosos, e até nos próprios púlpitos, chegando a acusá-lo de inibidor das glórias portuguesas.

Os últimos anos da sua vida foram quase dedicados aos trabalhos agrícolas, prestando assim grandes serviços à agricultura. Poucas vezes vinha à Lisboa, e a última vez foi no primeiro de setembro de 1877 para visitar o imperador do Brasil, retirando-se para Vale de Lobos já, bastante doente, falecendo no dia 13, conforme dissemos. O seu cadáver ficou depositado na igreja da Azóia, em Santarém, no jazigo do general Gorjão, e no dia 15 realizaram-se exéquias solenes, a que concorreu muita gente de Lisboa, representantes de toda a imprensa periódica, de corporações, da Academia Real das Ciências, deputados, ministros, etc. Suas Majestades, o Rei D. Luís e Senhora D. Maria Pia, também se fizeram representar. Em 1888, foi colocado no Mosteiro dos Jerónimos, no centro da Sala do Capítulo, o túmulo de Alexandre Herculano delineado por Eduardo Augusto da Silva. Em 1940 é modificado, sendo deixada singelamente apenas a arca tumular.

BIBLIOGRAFIA:

COENTRÃO, Abel (2019). *Reabilitação do liceu Alexandre Herculano não teve concorrentes* [em linha]. Lisboa: Jornal Públio [Consult. 5 maio de 2019]. Disponível: https://www.publico.pt/2019/01/03/local/noticia/reabilitacao-liceu-alexandre-herculano-nao-concorrentes-1856566

DICIONÁRIO HISTÓRICO (s.d.). *Carvalho e Araújo (Alexandre Herculano de).* [em linha]. [Consult. 5 de maio de 2019].
Disponível: http://www.arqnet.pt/dicionario/herculanoalex.html

DIREÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL (2003). *Liceu Alexandre Herculano* [em linha]. [Consult. 5 de maio].
Disponível: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/6853117/

NÓVOA, António (coord.) (2003). *Liceus de Portugal: histórias arquivos memórias*. Lisboa: ASA.

2019/10/02

Ação de formação "Preservação e Conservação de Acervos Audiovisuais"

A BAD irá promover uma ação de formação para desenvolver competências na área das práticas de preservação e conservação de arquivos audiovisuais. Terá lugar nos dias 17 e 18 de outubro de 2019. A inscrição deverá ser feita através do preenchimento de um formulário online até ao dia 9 de outubro.

2019/10/09

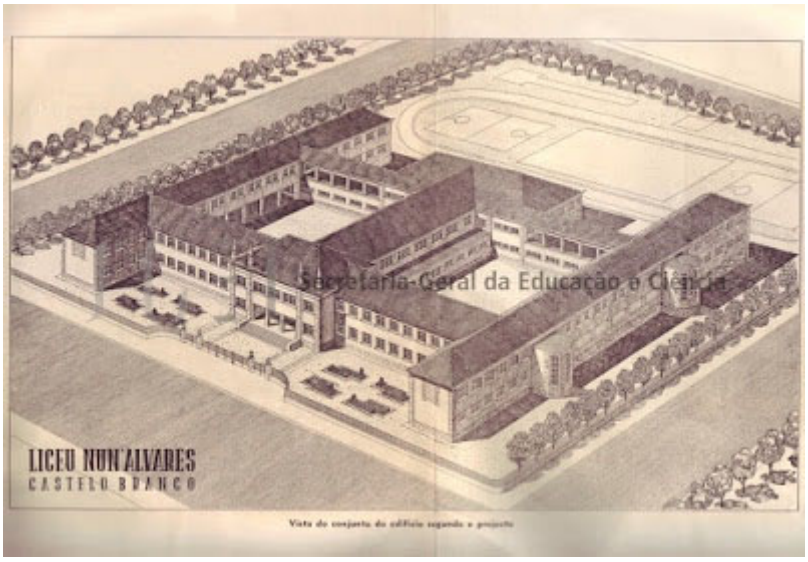
ESCOLA SECUNDÁRIA NUNO ÁLVARES, CASTELO BRANCO

A rede nacional de liceus foi criada em 1852, determinando que todas as capitais de distrito fossem contempladas com um estabelecimento semelhante. À data, Castelo Branco já possuía uma escola sem estatuto de liceu, lecionando gramática latina, filosofia e retórica. Em 1911, as instalações da escola foram transferidas para o palacete do Paço Episcopal da cidade, e poucos anos mais tarde, em 1918, passou a denominar-se Liceu Nacional Central de Nuno Álvares.

Em 1941 teve início a construção de um edifício projetado de raiz para receber a instituição de ensino albicastrense, concluído em 1944 e inaugurado no ano letivo seguinte. Logo após, em 1947, foi nomeado o corpo docente para o Liceu de Castelo Branco: António José de Sousa professor das cadeiras de história e de oratória, José Joaquim Magro, enquanto regente de gramática latina e de latinidade, e, por último José Marques Leite, para lecionar filosofia e aritmética.

Em 1852 o liceu funcionou em duas salas do primeiro andar da ala nascente do edifício do antigo hospital da Misericórdia de Castelo Branco. No topo da mesma

ala estava instalada a Escola de Ensino Mútuo, cuja sala, por ser maior, era por vezes ocupada para a realização de exames. A 16 de junho de 1863 a precariedade das instalações anteriores, agravadas por um desmoronamento ocorrido em 1859, conduziram à obtenção de uma autorização do Ministério do Reino para se proceder ao aluguer de uma casa senhorial no Largo da Sé.



Entre 1864-1865 as novas instalações permitem lecionar novas disciplinas introduzidas no currículo escolar: línguas (francês e inglês) e artes, aritmética e geometria.

No ano letivo de 1883/1884 são inscritas as primeiras alunas externas. Em 1910, após a reforma do ensino de 1894-1895, protagonizada por Jaime Moniz, o liceu ganha prestígio. À data da implantação da República tinha já 212 alunos inscritos, no ano seguinte, com a extinção do Colégio de São Fiel.

Em 1911 o liceu é, definitivamente, instalado no antigo Paço Episcopal. Em 1914/1915, após a realização de obras de adaptação, o liceu passa a dispor de 11 salas de aula, uma sala de desenho, um museu de história natural, laboratório de físico-química, biblioteca, reitoria, secretaria, salas para pessoal docente e discente, arrecadações, salas de apoio aos laboratórios.

Em 1938 é aprovado o programa de construção, ampliação e melhoramentos dos edifícios liceais e respetivos encargos (Decreto-lei n.º 28604/1938, DG, 1.ª série, n.º 91). No referido plano é prevista a construção de raiz, em terreno a negociar com a Câmara Municipal de Castelo Branco, de um liceu misto com capacidade para 16 turmas, destinando-se para o efeito a quantia de 4.300.000$00.

Tendo em linha de conta o Decreto-lei n.º 28604/1938, DG, I série, n.º 91, a Junta das Construções do Ensino Técnico e Secundário (JCETS) prevê a construção e raiz de um liceu misto com capacidade para 16 turmas (cerca de 560 alunos). Dois anos mais tarde, em 1949, é apresentado o projeto, de um edifício em dois pisos, tendo apenas numa pequena parte um outro piso inferior, e abrange dois pátios separados pelas instalações de educação física da autoria do arquiteto José Costa e Silva e dos engenheiros Artur Bonneville Franco e António Carvalho Lopes Monteiro, todos pertencentes ao quadro técnico da JCETS.

Em janeiro de 1941, inicia-se a obra, adjudicada 4.239.200$00, nos terrenos cedidos para o efeito pela autarquia, em zona de expansão urbana, com a fachada principal sobre a avenida que liga a estação de caminho de ferro à Praça Nova, e constitui o principal arruamento da cidade. Nos anos seguintes a obra decorre morosamente, para o que contribuem as dificuldades em garantir mão de obra, bem como a aquisição e o transporte dos materiais. Em 1946, as

obras são dadas por concluídas e feita a mudança das instalações, teve por custo final 6.759.729$51, ultrapassando a dotação inicialmente atribuída para a sua construção!

No ano letivo de 1944-1945, a frequência do liceu desce para 431 alunos, dificuldades económicas e o crescimento do ensino particular (mais reputado) são razões apontadas para o decréscimo. Desta feita, no ano letivo de 1950-1951, ultrapassada a capacidade prevista no projeto inicial do liceu, o reitor, Joaquim Sérvulo Correia, solicita a abertura de mais oito salas conseguidas por prolongamento das alas laterais.

Em 1978 a escola passa a designar-se Escola Secundária Nun'Álvares (Decreto-lei n.º 80/78, publicado no DR, 1.ª série, n.º 97, que termina com a distinção entre liceus e escolas técnicas, uniformizando as designações do ensino secundário). A 24 de agosto de 2006, o edifício está em vias de classificação, nos termos do Regime Transitório previsto no n.º 1 do Artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 173/2006, DR, 1.ª série, n.º 16, tendo esta caducado, visto o procedimento não ter sido concluído no prazo fixado pelo Artigo 24.º da Lei n.º 107/2001, DR, 1.º série A, n.º 209, de 08 setembro 2001.

Mais recentemente, em 2013, foi criado o mega Agrupamento de Escolas Nuno Álvares, que congrega a até então escola não agrupada Secundária Nuno Álvares e os antigos agrupamentos Faria de Vasconcelos e Cidade de Castelo

Branco, sendo assim a escola sede de um agrupamento vertical composto pelas escolas básicas do 1.º ciclo com jardim de infância da Boa Esperança, de Escalos de Baixo e Malpica do Tejo, as escolas básicas do 1.º ciclo do Cansado, da Horta Alva, da Mata e de Nossa Senhora da Piedade, Escola Básica dos 1.º e 2.º Ciclo e Jardim de Infância Faria de Vasconcelos, Escola Básica dos 1.º, 2.º e 3.º Ciclo e Jardim de Infância Cidade de Castelo Branco.

BIBLIOGRAFIA:

INFOPEDIA (s.d.). *Paula Vicente* [em linha]. Porto: Porto Editora [Consult. 5 de junho de 2019]. Dísponivel: https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$paula-vicente.

MARTINS, João Pedro Leclercq Macedo (2012). *Perceção, reprodução e expressão de valores cromáticos: educação visual, 7.º ano de escolaridade* [em linha]. Mestrado em Ensino de Artes Visuais, apresentado à Universidade de Lisboa. [Consult. 4 de junho de 2019].
Disponível: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8355/1/ulfpie043336_tm.pdf.

INSPECÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA (2012). *Avaliação externa das escolas: Relatório Agrupamento de Escolas Belém – Restelo, Lisboa* [em linha]. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência [Consult. 4 de junho de 2019].

REIS, Francisco Soteiro dos (ed. lit.) (2018). *Curso de literatura portuguesa e brasileira: autores portugueses*. São Paulo: Paco Editores.

SANTIAGO, Catarina Freire Luís (2014). *Uma aproximação à arte contemporânea no 9.º ano do ensino básico* [em linha]. Relatório de prática de ensino supervisionada, Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário [apresent.] à Universidade de Lisboa [Consult. 5 de junho de 2019].
Disponível: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10798/1/ulfpie046495_tm.pdf

2019/10/16

Peça do mês de outubro

Hidra

Modelo de hidra utilizado para permitir a visualização da sua morfologia em contexto das práticas pedagógicas das aulas de Ciências Naturais. Trata-se de uma placa com dois modelos, um de uma hidra completa e outro de um fragmento. O animal apresenta o corpo em forma de saco, ou pólipo, longo e estreito. Possui um único orifício, a boca, rodeada de tentáculos com células urticantes, e vive fixo ao substrato, por uma base adesiva. A parede do corpo é dupla, constituída por duas camadas de células, a ectoderme e a endoderme, separadas por uma substância gelatinosa, a mesogleia, e delimita uma cavidade interna, na qual se realizam as funções essenciais, a cavidade gastrovascular. Este filo é caracterizado pela presença de células urticantes, os cnidoblastos, que libertam substâncias tóxicas em caso de perigo ou de captura de alimento. Estes hidrozoários podem reproduzir-se por gemiparidade.

Classificação científica: Reino – Animalia; Filo – Cnidaria; Classe – Hidrozoa; Ordem – Anthromedusae; Família – Hydridae; Género – Hydra.

Está inventariado com o número ME/400956/124 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária Augusto Gomes.

Trata-se de um animal que vive em águas doces e limpas, em climas temperados ou tropicais. A sua cor é verde ou acinzentada. Medem cerca de 2 a 3 cm de comprimento e alimentam-se de plâncton, crustáceos, ovos de peixe ou larvas.

2019/10/23

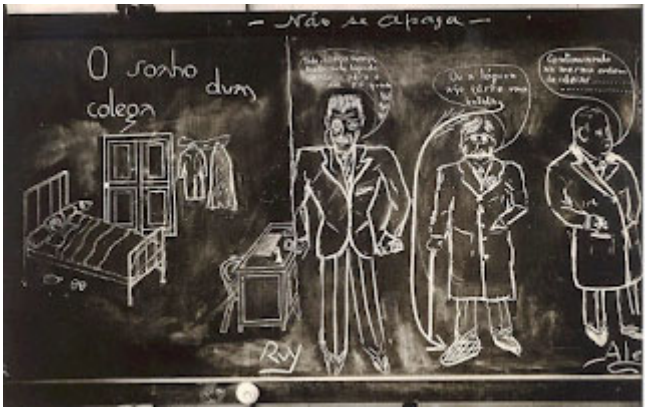
Exposição "Caricatura e retrato no Museu Virtual da Educação"

Um retrato é uma representação de um indivíduo, seja em desenho ou noutro tipo de meio, como a fotografia, por exemplo. A caricatura é um desenho exagerado, de forma humorística, de uma pessoa da vida real. Apesar de não constituírem um espólio numeroso no Museu Virtual da Educação, destacamos algumas caricaturas e retratos elaborados em contexto escolar.

ME/402163/67

ME/Escola Secundária Marquês de Pombal

Caricatura onde se pode observar, saindo do canto superior, um braço identificado com Mestre Battistini, segurando uma coroa de louro, que coloca sobre uma cabeça de figura feminina (possivelmente Maria de Portugal). Esta abraça um ramo de flores saindo de uma jarra de faiança (identificando a Fábrica Constância). No canto inferior esquerdo aparece uma caricatura que faz lembrar o "Zé-povinho" de Rafael Bordalo Pinheiro, levando flores para o Mestre.



ME/402436/2453

ME/Escola Secundária de Passos Manuel

Fotografia de formato retangular representando vários desenhos, supostamente feitos por um aluno, a giz, no quadro negro. Do lado esquerdo encontra-se um estudante a dormir, com a legenda "Não se apaga - O Sonho dum colega". Do lado direito, estão várias caricaturas de professores (?). Cor: Monocromática; Polaridade: Positivo; Tipo: Opaca; Orientação: Horizontal.

ME/402436/2454

ME/Escola Secundária de Passos Manuel

Fotografia de formato retangular representando vários desenhos, supostamente feitos por um aluno, a giz, no quadro negro. São várias caricaturas de

professores ou alunos. Cor: Monocromática; Polaridade: Positivo; Tipo: Opaca; Orientação: Horizontal.

ME/402618/7

ME/Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro

Fotocópia emoldurada de uma "Caricatura do Corpo Docente da Escola Industrial e Comercial Rafael Bordalo Pinheiro " feita " pelo Professor David de Sousa (o terceiro da última fila, em baixo)". No verso está colado um papel manuscrito, que diz: "Caricatura feita em 1951. Ao alto, da esquerda para a direita: Dália Santos, Professora de Português. Dr. Sotto Mayor (Diretor da Escola). Prof. Abílio M. Barreto. De pé, perto do relógio: contínuos, José Rodrigues e Francelino. De cima para baixo, à esquerda: D. Vitória Simão do Couto, Prof. de T. Manuais; D. Mª Carlota Gonçalves, D. Alice Neves Cardoso (mestra de Costura e Bordados). Dr. António de Andrade Rebelo. Dr. Martins. Prof. de Matemática: Padre Paiva. À direita: Escultor Macário Mendes Dinis. Dr. Varela Pinto. Mestre Mamede e Mestre Rainho. Prof. David Sousa (o caricaturista). Em baixo, ao meio: Prof. Manuel José António." Existe uma fotografia do original no álbum de fotografias inventariado com o nº ME/402618/5.

ME/402163/53

ME/Escola Secundária Marquês de Pombal

Retrato de Maria de Portugal, da autoria de Leopoldo Battistini, centrado na parte superior da folha e voltado a três quartos para o lado direito. Rosto comprido, cabelo curto grisalho, ligeiramente ondulado, cortado a nível das orelhas, olhando o observador. A iluminação é feita a partir do lado esquerdo.

ME/402916/60

ME/Escola Secundária de Tomaz Pelayo

Autorretrato de Tomaz Pelayo (1898 - 1968), patrono da escola com o seu nome. Foi realizado a carvão sobre papel e está montado numa base de madeira.

ME/404240/13

ME/Escola de Música do Conservatório Nacional

Retrato a carvão de uma figura masculina, visível apenas do torso para cima, que representa António Fragoso, compositor, musicólogo, e pianista português (1897-1918).

2019/10/30

Nun' Àlvares - Patrono da Escola Secundária de Nuno Álvares

NUN'ÁLVARES (1360 - 1431)

A cidade de Castelo Branco*, em 1852, já dispunha de uma escola, ainda que sem estatuto de liceu, lecionando gramática latina, filosofia e retórica. Mais tarde, em 1911, por circunstância várias, as instalações foram transferidas para o palacete do Paço Episcopal da cidade, e poucos anos mais tarde, em 1918, passou, definitivamente, a denominar-se Liceu Nacional Central de Nuno Álvares: a 24 de junho de 1918 é aprontada, em reunião do Conselho Escolar, a figura de Nuno Álvares como patrono da escola.

Atualmente, a agregação da Escola Secundária Nuno Álvares com os Agrupamentos de Escolas Cidade de Castelo Branco e Professor Doutor António Sena Faria de Vasconcelos deu lugar a uma vasta e diversificada entidade orgânica na área da educação.

Nuno Álvares Pereira nasceu em 1360, nos Paços de Cernache de Bonjardim, concelho da Sertã, na região do Pinhal Interior, filho de um dos mais ilustres senhores do reino, D. Álvaro Gonçalves Pereira, Prior da Ordem Militar dos Hospitalares. D. Nuno Álvares teve uma educação militar, típica dos nobres.

Foi canonizado (no dia 26 de abril de 2009) no Vaticano pelo Papa Bento XVI, depois de ter sido beatificado, há 90 anos atrás (em 1918), curiosamente pelo Papa que adotou o nome Bento XV. O seu processo de canonização tinha sido reaberto no dia 13 de julho de 2004, nas ruínas do Convento do Carmo, em Lisboa, com uma sessão solene presidida por D. José Policarpo.

Após a morte da esposa, D. Nuno Álvares tornou-se Carmelita - escolhe o nome de Irmão Nuno de Santa Maria, recolhendo esmola para os pobres. Permanece no Convento do Carmo, de 1423 até à data da sua morte, em 1431. Enquanto militar, evidenciou elevadas qualidades de coragem e determinação, desempenhando um papel fundamental na crise de 1383-85, onde Portugal jogou a sua independência contra Castela, apoiando o partido do Mestre de Avis.

Sabe-se que antes da Batalha de Aljubarrota, a 14 de agosto de 1385, o novo rei estava renitente sobre a melhor decisão a tomar, mas a atitude audaz de D. Nuno foi a pedra de toque para a Batalha em que a tática do quadrado e a escolha do local da batalha se mostraram determinantes para a vitória das tropas nacionais. É o patrono da Escola Secundária de Castelo Branco, do Exército Português, dos Escuteiros Portugueses e de algumas paróquias de Portugal.

BIBLIOGRAFIA:

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS NUNO ÁLVARES (2018). *Regulamento interno* [em linha]. Castelo Branco: A.E.N.A. [consult. 26 de set. de 2019]. Disponível: https://drive.google.com/file/d/1A9_cbYy9_q8awXL-IqiznTMJEKoY9V1Z/view.>.

DIREÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL (s.d.). *Liceu Nuno Álvares de Castelo Branco* [em linha]. Lisboa: D.G.P.C. [Consult. 24 de jun. de 2019]. Disponível: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/16899766

.

LOUSADA, Abílio Pires (s.d.). "Nuno Álvares Pereira. Guerreiro, senhor feudal e santo: o*s três rostos do condestável,* João Gouveia Monteiro" [em linha]. *Revista militar*; N.º 2568 (maio 2018). [consult. 30 de set. de 2019]. Disponível: https://www.revistamilitar.pt/artigo/1324

TERENO, Paula (2015). *Liceu Nacional de Castelo Branco, Liceu Nuno Álvares, Escola Secundária Nuno Álvares* [em linha]. Forte de Sacavém: Sistema de Informação para o Património Arquitetónico [Consult. 24 de jun. de 2019]. Disponível: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9216
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9216

UNIÃO DE FREGUESIA DE CERNACHE DO BONJARDIM, NESPERAL E PALHAIS (s.d.). *D. Nuno Álvares Pereira* [em linha]. Cernache do Bonjardim: U. F. C. B. N. P. [Consult. 30 de set. de 2019]. Disponível: http://www.jf-cernachebonjardim.pt/turismo-lazer-e-cultura/vultos-ilustres/d-nuno-alvares-pereira/

*Situada na Beira Baixa, a cidade de Castelo Branco é sede de distrito e de um dos maiores concelhos do País, no centro de uma vasta região planáltica, entre as bacias dos rios Pônsul e Ocresa. Castelo Branco deve o seu nome à existência de um castro luso-romano, Castra Leuca, no cimo da Colina da Cardosa, de onde se desenrolou o povoamento desta localidade, então apelidada albi Castrum. A cidade foi conquistada aos Mouros no século XII, e posteriormente alguns domínios foram ofertados à Ordem do Templo, encarregando-os do seu povoamento e defesa, para o que construíram o Castelo da localidade

2019/11/06

Ação de formação: "Questionários em bibliotecas: elaboração, análise e apresentação de conclusões"

A BAD organiza a ação de formação "Questionários em bibliotecas: elaboração, análise e apresentação de conclusões", em Lisboa, nos dias 25 e 26 de novembro. A inscrição deverá ser feita online através do preenchimento de um formulário. Esta ação destina-se a serviços em que seja importante aferir a opinião do público, resultando num documento final com dados e conclusões.

2019/11/13

Peça do mês de novembro

Imagem Parietal do Período Jurássico

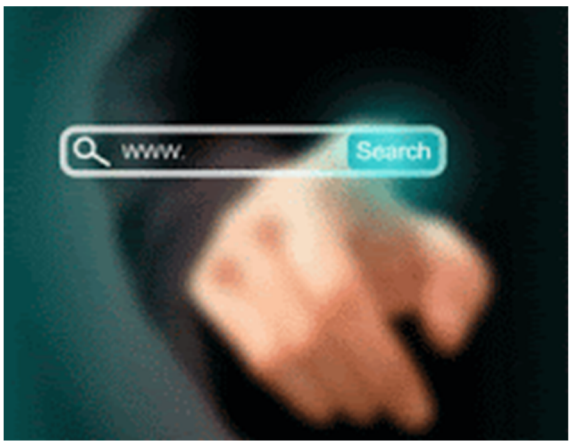
Paisagem do período Jurássico, com representação da fauna previsivelmente existente à época. À esquerda, legenda principal; na parte de baixo, caracterização dos fósseis; à direita, cortes das camadas do solo e respetiva classificação.

Está inventariado com o número ME/40157/128 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária Gil Vicente.

O Jurássico foi o segundo período da Era Mesozoica e trouxe mudanças bastante significativas, quer a nível climático e de vegetação, quer ao nível da variedade da fauna. A hegemonia dos répteis em todos os ambientes marcou esta fase que também assistiu ao aparecimento das primeiras aves e mamíferos.

2019/11/20

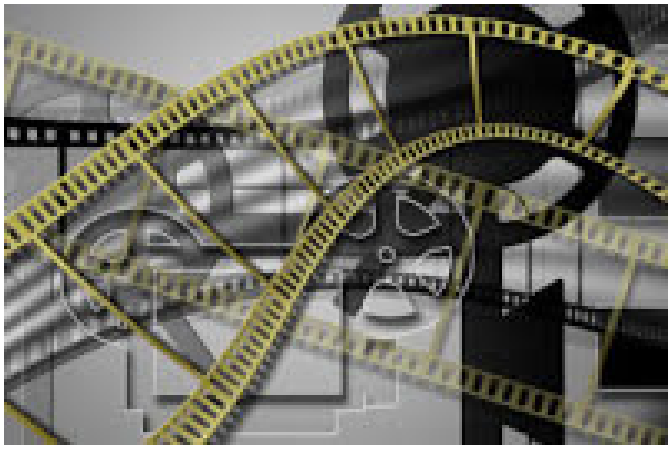
Formação: "Recuperação e Difusão da Informação"



A BAD irá realizar a ação de formação "Recuperação e Difusão da Informação", nos dias 12 e 13 de dezembro, em Lisboa. O objetivo é dominar estratégias de recuperação, seleção e validação da informação em diferentes contextos. A inscrição deve ser feita em linha até 4 de dezembro.

2019/11/27

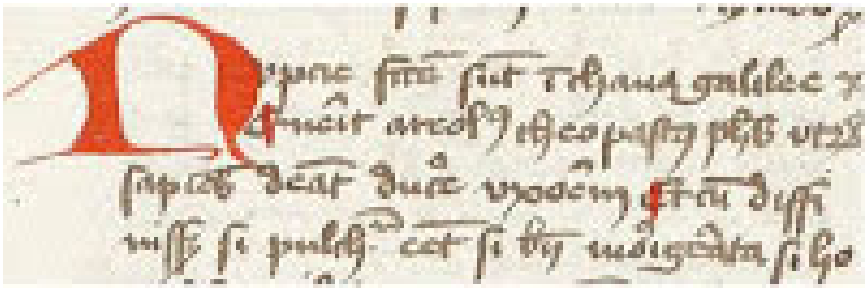
Formação: "Preservação e Conservação de Acervos Audiovisuais"



A BAD organiza uma ação de formação sobre "Preservação e Conservação de Acervos Audiovisuais", nos dias 4 e 5 de dezembro. Através desta formação pretende-se identificar os diversos formatos audiovisuais, identificar os suportes mais utilizados, boas práticas de conservação e restauro, entre outros.

2019/12/04

Ação de Formação: "Introdução à Paleografia"



A BAD promove a ação de formação "Introdução à Paleografia" de 18 a 20 de dezembro de 2019. Com esta ação poderá ter uma primeira abordagem à paleografia, praticar a leitura de textos dos séculos XVII a XIX e ter algumas noções teóricas.

2019/12/10

Exposição: "Presépios no Museu Virtual da Educação"

O Presépio é uma referência cristã que remete para o nascimento de Jesus Cristo. Trata-se de uma representação escultórica que terá sido feita pela primeira vez por S. Francisco de Assis, em argila, em 1223, em Itália. Este hábito espalhou-se pela Europa e, a partir do século XVIII, tornou-se uma referência nas casas cristãs pelo mundo.

No Museu Virtual da Educação existem alguns exemplares de presépios, desde o mais simples ao mais completo, passando pelo presépio tradicional português.

ME/400348/70

ME/Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho

Grupo escultórico não aglomerado constituído por três esculturas de vulto em barro policromado, representando Nossa Senhora, São José e o Menino Jesus, ou seja, o Presépio. Nossa Senhora está representada sentada, sobre as pernas. O rosto está levemente inclinado para a direita e voltado para baixo. Braços descaídos, antebraços apoiados sobre as coxas e mãos abertas, ligeiramente levantadas. Enverga vestido castanho-tijolo e manto azul-cinza, com reflexos dourados, fechado e com um capuz que deixa ver cabelo castanho descaído até

aos ombros. Sobre a cabeça e fixo na parte posterior do manto, ostenta auréola dourada representada em forma de círculo compacto. São José está representado apoiado sobre o joelho esquerdo e com a perna direita fletida. O rosto apresenta-se inclinado para a frente. Tem cabelo castanho, curto à frente, descaindo sobre o pescoço atrás. Tem barba e bigode. As mãos apresentam-se sobrepostas (a direita sobre a esquerda). Enverga túnica verde com reflexos dourados que cai até aos pés, deixando a descoberto os dedos do pé direito. Sobre a túnica, há um manto castanho, com reflexos dourados, preso no decote. Fixa sobre a parte posterior, ostenta uma auréola dourada, em forma de círculo compacto. O Menino Jesus está representado deitado, com as pernas fletidas e as mãos sobrepostas (esquerda sobre a direita) sobre o peito. Tem os olhos fechados e a cabeça levemente inclinada para a direita. O cabelo é castanho e curto. Apresenta, ainda, fixa na parte posterior da cabeça, uma auréola em forma de círculo compacto. O corpo está envolto numa faixa, disposta em diagonal, deixando a descoberto os braços e uma das pernas.

ME/400968/18

ME/Escola Secundária Aurélia de Sousa

Trabalho escolar realizado no âmbito do curso de Formação Feminina e solicitado para exposições noutras escolas. Trata-se da representação de um presépio de inspiração Bizantina executado sobre tecido de lã e decorado com fios de lã com os pontos pé de flor, cadeia, cheio, areia e fantasia.

ME/401857/1017

ME/Escola Secundária de Gil Vicente

A peça é uma distinção honorífica concedida ao Liceu, em 1968, quando esta instituição ganhou o 1º prémio do concurso de presépios, promovido pela Mocidade Portuguesa. Trata-se de uma placa retangular de madeira escura, sobre a qual está colocada uma espessa placa retangular de alumínio fundido, de menores dimensões, deixando à vista uma esquadria de madeira. A placa é cinzenta, em alto relevo, e representa, com as vestes usuais, a Sagrada Família: Virgem Maria, São José e Menino Jesus. À esquerda, encontra-se a Virgem Maria; à direita, São José, com um cajado e, no meio, de pé, de braços abertos e mostrando as palmas das mãos, encontra-se o menino Jesus. Por baixo, a placa apresenta-se lisa e contém as seguintes inscrições: Concurso de Presépios - 1º - D.D. Lisboa M.P. - 1968.

ME/402163/192

ME/Escola Secundária Marquês de Pombal

Painel de azulejos (9 x 8), policromado, com campo e cercadura. Representa o presépio: a Sagrada Família à entrada de uma gruta com os três Reis Magos em adoração e fazendo as suas oferendas, vários personagens em redor, cavalos e dois camelos ao fundo. É da autoria de Leopoldo Battistini.

ME/402163/97

ME/Escola Secundária Marquês de Pombal

Representação da Adoração dos Pastores. Sobre um fundo de paisagem, surge em primeiro plano do lado esquerdo, o interior do estábulo com a representação da Sagrada Família. O menino Jesus está ao colo da Virgem abrindo os braços em direção aos pastores. Dois dos pastores estão ajoelhados e têm oferendas nas mãos. Outro pastor, está de pé e toca gaita-de-foles. Em segundo plano surge a manjedoura com uma vaca e um burro. É da autoria de Leopoldo Battistini.

ME/402412/47

ME/Escola Secundária do Padrão da Légua

Presépio constituído por várias figuras e elementos escultóricos modelados em barro cozido, dispostos em vários planos. Ao centro, em baixo, representa-se a Natividade ladeada, do lado esquerdo e direito, de várias figuras em cenas do quotidiano. No plano superior, surgem várias figuras e grupos de personagens por entre um casario. Este presépio foi construído por alunos dos antigos cursos de formação profissional, nomeadamente de Serralharia Mecânica e Eletrotecnia.

2019/12/19

Peça do mês de dezembro

ME/401626/6
Escola Secundária Emídio Navarro

Travessa

Travessa oval com covo acentuado, em faiança branca decorada a verde, na aba. Nesta, ao centro, observam-se três filetes, sendo o do meio mais largo. A decoração termina com o escudo da Mocidade Portuguesa, ladeado por uma roda dentada, sobreposto em duas cobras com as cabaças afrontadas e encimadas pelo capacete de Mercúrio. Na parte superior desta decoração observam-se as siglas MP (Mocidade Portuguesa), uma de cada lado e sob o capacete de Mercúrio, definindo os quatro cantos de um quadrado estão as siglas CEN.º5, provavelmente (Centro Escolar N.º 5).
Está inventariado com o número ME/401626/6 e pertence ao espólio museológico da Escola Secundária Emídio Navarro.

2019/12/19

Escola Técnica Elementar Paula Vicente

A ESCOLA TÉCNICA ELEMENTAR PAULA VICENTE

* *
*

A ESCOLA EB2/3 PAULA VICENTE

A Escola EB 2+3 de Paula Vicente teve a origem no ano letivo de 1948/1949, no antigo edifício da Escola Industrial Marquês de Pombal, na Rua dos Lusíadas, onde se encontra instalada, atualmente, a Escola Secundária Fonseca Benevides.

Na etapa inicial, a escola denominava-se Escola Técnica Elementar e funcionava em parceria com a Escola Francisco Arruda. No ano letivo de 1952/1953 transitou para a Rua da Junqueira onde se manteve até ser inaugurado o edifício atual na Rua Gonçalves Zarco. As novas instalações, inauguradas em 1961, contava com a frequência de 1000 alunas (escola feminina). A escola ganhou estatuto de Escola Preparatória e deixou de ser exclusivamente feminina no ano de 1973.

A conclusão das obras demoram exatamente dois anos, de 11 de maio de 1959 a 11 de maio de 1961. A Escola situa-se na zona de Belém, no Restelo, o cuja ligação e proximidade com o Rio Tejo data de há séculos atrás.

Atualmente, a Escola tem a designação de E.B. 2/3, ou seja, é uma escola básica que leciona segundo e terceiro ciclos (do quinto ao nono ano de escolaridade). A sua localização oferece um acesso fácil e rápido a diferentes espaços culturais e de lazer, como o Centro Cultural de Belém, Museu de Arqueologia, Mosteiro dos Jerónimos, etc. Esta riqueza de recursos à sua volta é marcada, contudo, por vários bairros, alguns sociais, dos quais muitos alunos provêm.

Segundo Santiago (2014), ainda que o edifício atual tenha recebido obras de requalificação em 2008, existem zonas ainda por concluir, com os espaços

exteriores algo degradados e a necessitarem de manutenção. É, contudo, uma escola muito marcada por espaços verdes, criando um ambiente agradável para além do cimento do edifício e chão, apesar de se notar também na vegetação alguma falta de cuidado.

O edifício é constituído por 3 andares, sendo o piso 0 mais usado pelos órgãos da escola e os dois superiores para as aulas especificamente, dispondo de 32 salas para o desenvolvimento das atividades dos alunos.

No ano letivo 2003-2004, a Escola E.B. 2/3 Paula Vicente faz parte integrante do Agrupamento de Escolas Belém e, simultaneamente, é escola-sede. Fazendo parte deste agrupamento o jardim de infância (JI) de Pedrouços e as escolas básicas Alto da Ajuda, Bairro do Restelo, Caselas e Moinhos do Restelo (todas elas com JI).

No âmbito da reorganização da rede escolar, e nos termos do artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 75/2008, com a redação dada pelo Decreto-Lei n.º 137/2012 de 2 de Julho, o Ministério da Educação procedeu à agregação da Escola Secundária do Restelo e do Agrupamento de Escolas do Restelo:

- Escola Secundária do Restelo (escola sede) – R. Antão Gonçalves;
- Escola Básica EB 2,3 de Paula Vicente – R. Gonçalves Zarco;
- Jardim de Infância de Belém (em substituição do Jardim de Infância de Pedrouços) - Largo das Escolas, 3/4 – Belém;
- Escola EB Professor Manuel Sérgio;
- EB Moinhos do Restelo – R. Capitão-Mor Pedro Teixeira;
- Escola EB de Caselas – R. Padre Luís Fróis;
- Escola EB do Bairro do Restelo – Praça de Goa.

BIBLIOGRAFIA:

INFOPEDIA (s.d.). *Paula Vicente* [em linha]. Porto: Porto Editora [Consult. 5 de junho de 2019].
Dísponivel: https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$paula-vicente.

MARTINS, João Pedro Leclercq Macedo (2012). *Perceção, reprodução e expressão de valores cromáticos: educação visual, 7.º ano de escolaridade* [em linha]. Mestrado em Ensino de Artes Visuais, apresentado à Universidade de Lisboa. [Consult. 4 de junho de 2019].
Disponível: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8355/1/ulfpie043336_tm.pdf.

INSPECÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA (2012). *Avaliação externa das escolas: Relatório Agrupamento de Escolas Belém – Restelo, Lisboa* [em linha]. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência [Consult. 4 de junho de 2019].

REIS, Francisco Soteiro dos (ed. lit.) (2018). *Curso de literatura portuguesa e brasileira: autores portugueses*. São Paulo: Paco Editores.

SANTIAGO, Catarina Freire Luís (2014). *Uma aproximação à arte contemporânea no 9.º ano do ensino básico* [em linha]. Relatório de prática de ensino supervisionada, Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário [apresent.] à Universidade de Lisboa [Consult. 5 de junho de 2019].
Disponível: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10798/1/ulfpie046495_tm.pdf

2019/12/20

Paula Vicente - Patrona da Escola Técnica Elementar

Paula Vicente (1519-1576)8

A Escola Técnica Elementar Paula Vicente, em Lisboa, iniciou atividade no ano letivo 1948/1949 e, com escola feminina, desde início adotou como patrono Paula Vicente. Esta artista portuguesa, nascida em 1519 e falecida em 1576, filha do segundo casamento de Gil Vicente, notabilizou-se pelos seus dotes artísticos e de erudição. Viveu uma vida de corte, onde lhe foi reconhecido dom artístico, sendo considerada na época como uma das damas mais próximas e dedicadas da infanta D. Maria, fazendo parte de um grupo de notáveis:

[8] Alto-relevo de Paula Vicente na entrada do Piso 0 da EB 2+3 de Paula Vicente (Santiago, 2014, p. 23).

> "Paula Vicente foi herdeira dos talentos de seu pai, pois não só representava nas peças que ele compunha e passava pela melhor atriz do seu tempo, mas é também fama que o ajudava em suas composições. Essa distinta poetisa compôs um livro de comédias que se reputa perdido, e foi, pelo seu talento e crédito de seu pai, dama da infanta D. Maria, filha de el rei Manuel e da rainha D. Leonor. Gozou de estima da infanta, assim como Luísa Sigea e outras damas instruídas do seu tempo, que formavam no paço uma espécie de academia feminina" (Reis, 2018).

Após enviuvar, Gil Vicente voltou a casar. Da segunda esposa, Melícia Rodrigues, teve três filhos: Paula Vicente, Luís Vicente e Valéria Borges. Paula Vicente destacou-se na Corte portuguesa e junto da infanta Maria (1521-1577), a filha de Manuel I e Leonor de Habsburgo. Com o apoio de Paula Vicente, junto da rainha Catarina de Habsburgo (regente do reino), Luís Vicente preparou a publicação das obras de seu pai em 1561, um quarto de século após a morte do autor, e terá acompanhado a impressão da *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* de 1562.

> "Pretendo, unicamente, chamar a atenção para um paratexto da edição, a que normalmente se não dá muita atenção, que é o alvará como 'privilégio' concedido por D. Catarina, então regente do reino, no sentido de, durante dez anos, ficar proibido que outros que não Luis Vicente e a irmã Paula Vicente fizessem imprimir as obras do pai" (Osório, 2002, p. 213).

Também há escritos donde são ressaltados dons da prática de escrita de Paula Vicente, é-lhe atribuída a obra intitulada: *Arte da língua inglesa e holandesa, para instrução dos seus naturais*. Destacou-se, ainda, na representação impressão das peças de seu pai, Gil Vivente. Dedicou-se à música, tocava vários instrumentos, desempenhando as funções de tangedora na câmara da rainha D. Catarina, mulher de D. João III.

BIBLIOGRAFIA:

INFOPEDIA (s.d.). *Paula Vicente* [em linha]. Porto: Porto Editora [Consult. 5 de junho de 2019]. Disponível: https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$paula-vicente.

MARTINS, João Pedro Leclercq Macedo (2012). *Perceção, reprodução e expressão de valores cromáticos: educação visual, 7.º ano de escolaridade* [em linha]. Mestrado em Ensino de Artes Visuais, apresentado à Universidade de Lisboa. [Consult. 4 de junho de 2019].
Disponível: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8355/1/ulfpie043336_tm.pdf

INSPECÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA (2012). *Avaliação externa das escolas: Relatório Agrupamento de Escolas Belém – Restelo, Lisboa* [em linha]. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência [Consult. 4 de junho de 2019]. Disponível:http://www.ige.min-edu.pt/upload/AEE_2012_Lisboa/AEE_2012_Ag_Belem_Restelo_R.pdf

REIS, Francisco Soteiro dos (ed. lit.) (2018). *Curso de literatura portuguesa e brasileira: autores portugueses*. São Paulo: Paco Editores.

OSÓRIO, Jorge A. (2002). *A compilação de 1562 e a "fase" manuelina de Gil Vicente*. in: Revista da Faculdade de Letras "Línguas e Literatura", N.º 19, (2002), p. 211-234.

SANTIAGO, Catarina Freire Luís (2014). *Uma aproximação à arte contemporânea no 9.º ano do ensino básico* [em linha]. Relatório de prática de ensino supervisionada, Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário [apresent.] à Universidade de Lisboa [Consult. 5 de junho de 2019].
Disponível: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10798/1/ulfpie046495_tm.pdf